

UNQUIET



PAPUA OCIDENTAL · PERU · ESPANHA · CABO VERDE

Locais Seguros do C6 Bank

Transferências
e investimentos apenas
em locais cadastrados.

C6BANK

uma sociedade com
JPMorganChase



Baixe o app e
abra sua conta



Sumário

- 018 **360** – Novos hotéis para se hospedar com pertencimento e memória
- 034 **48 Horas** – Istambul entre cafés, museus, história e dois continentes
- 036 **Sustentabilidade** – O casamento da espiritualidade com a preservação ambiental
- 038 **Festivais** – C6 Fest chega à quarta edição e faz história no calendário cultural do país
- 042 **Biblioteca** – A obra, os ensinamentos e o legado imprescindível de David Attenborough
- 046 **Check-In** – Produtos que prometem performance e permanência para as suas jornadas
- 048 **Brasil** – Os segredos dos alambiques premiados e sustentáveis do norte de Minas
- 060 **Cultura** – Música, natureza exuberante e cultura arraigada em Cabo Verde
- 068 **Arte** – Ao longo do Danúbio, a descoberta de uma nova rota de arte contemporânea
- 080 **Esporte** – O mundo submerso das remotas águas de Raja Ampat, na Papua Ocidental
- 092 **Proudly** – A luta, as cores e os looks que fervem nas Paradas de Orgulho mundo afora
- 096 **Bem-Estar** – A tecnologia e a expertise suíças a favor do corpo, da saúde e da beleza
- 100 **Ensaio** – Pertencimento e expressão ganham visibilidade por meio da imagem
- 106 **Gastronomia** – Sabores do mar, da terra e da memória na cozinha do norte da Espanha
- 114 **Aventura** – Do altiplano andino ao Lago Titicaca: uma imersão de alma pelo Peru
- 128 **Aventura Extrema** – Uma expedição cheia de vida e desafios na Ilha Geórgia do Sul
- 136 **Natureza** – Zâmbia, entre a potência de Victoria Falls e a vida sublime da savana
- 144 **Crônica** – Ser viajante exige repertório e deixar-se invadir pelo mundo
- 146 **Inspiradores** – Dorothy Stang, a freira que viveu e morreu pela Amazônia



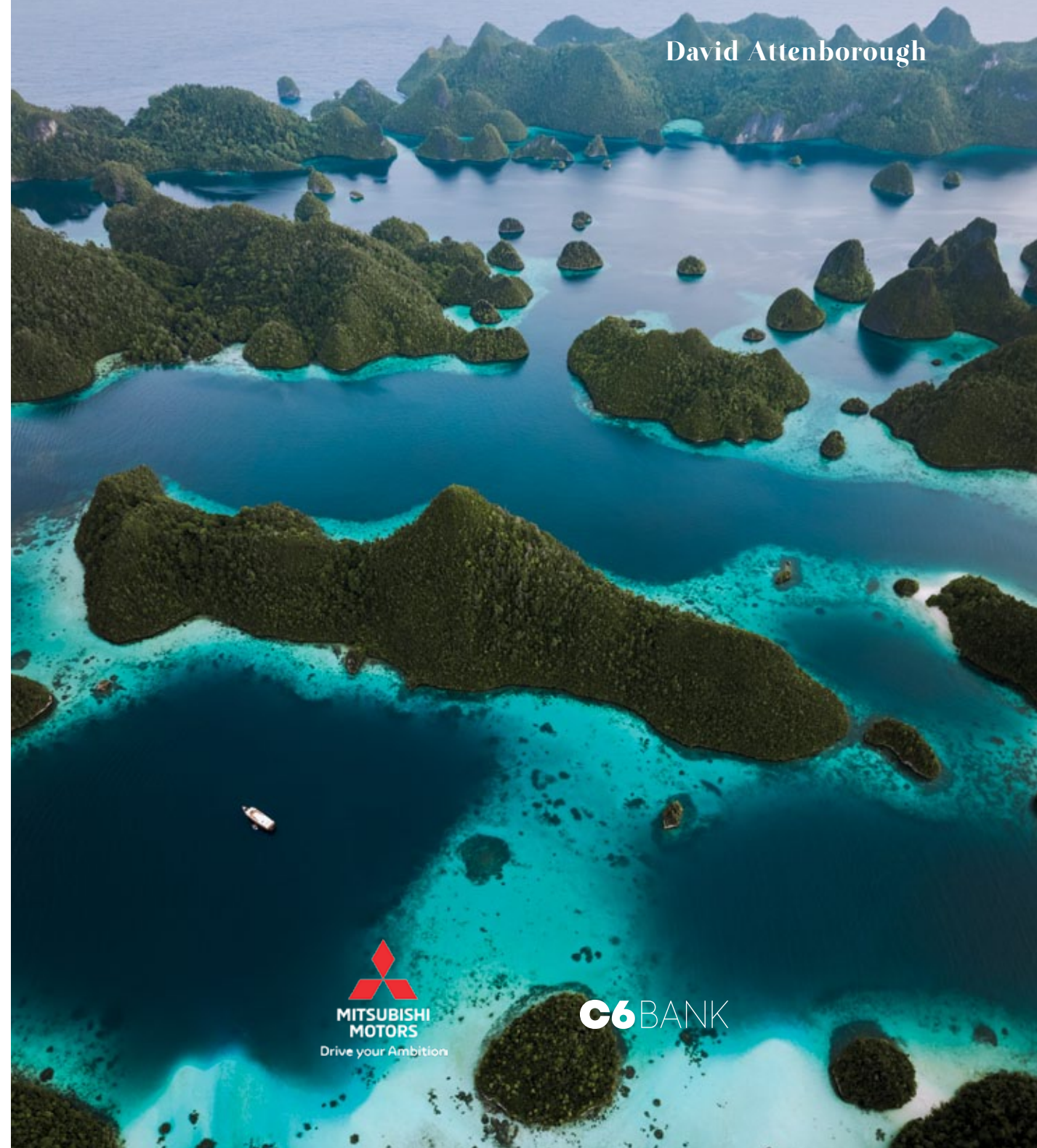
Vamos escrever

MONTBLANC

Let's Write*
montblanc.com.br

“As pessoas precisam sentir que o mundo natural é importante, valioso, belo, maravilhoso. Uma fonte de admiração e prazer.”

David Attenborough



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

Diretor Editorial
Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor Executivo
André Cheron

Diretora de Conteúdo
Nathalia Hein

Consultor
Erik Sadao

Diretor Comercial
Ricardo Battistini

Diretor de Arte
Ken Tanaka

Editor de Arte
Raphael Alves

Gerente de Marketing e Conteúdo Digital
Luciana Lancellotti

Coordenadora Digital
Patricia Poli

Produtora de Conteúdo Digital
Karina Perussi

Projeto Gráfico
Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios
Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: Augusto Gomes, Bruno Massi, Carlos Marcondes, Corinna Sagesser, Daniel Nunes Gonçalves, Dudu Bertholini, Erik Sadao, Flavia Vitorino, Julia Moa, Luciana Lancellotti, Marcos Diego Nogueira, Nathalia Hein, Rosana Hermann, Shoichi Iwashita e Tuca Reinés

Fotos: Alamy, Andréa D' Amato, Augusto Gomes, Bruno Jungman, Carlos Gomes, Daniel Nunes Gonçalves, Flavia Vitorino, Getty Images, Istock Images e Victor Collor

Ilustração: Antonio Tavares e Kael Vitorelo

Revisão: Paulo Kaiser

Custom Editora Ltda.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Existem fronteiras que não aparecem nos carimbos do passaporte. São aquelas que atravessamos ao experimentar novos sabores, conhecer pessoas, contemplar paisagens inesperadas e mergulhar em culturas capazes de nos ensinar e transformar. Viajar, afinal, é também permitir que o mundo nos atravesse.

Nesta edição, partimos em busca de destinos que revelam diferentes formas de beleza e permanência. Mergulhamos em Raja Ampat, um dos lugares mais remotos do planeta, onde o azul profundo do oceano encontra florestas ainda intocadas. No Peru, percorremos o Vale do Colca e o Cânion de Tinajani, cenários milenares habitados por um povo acolhedor, profundamente conectado a suas tradições e à própria história.

Navegamos até a Geórgia do Sul, um imenso oásis de gelo cercado por fiordes cor de esmeralda, onde centenas de pinguins dividem espaço com uma das naturezas mais grandiosas e intocadas do planeta. Cruzamos o Atlântico rumo a Cabo Verde, arquipélago moldado pelos ventos do Atlântico e pela herança africana, terra de Cesária Évora e da morna, um gênero musical que mistura melancolia, poesia e resistência em canções que continuam emocionando o mundo.

Na Zâmbia, fomos recebidos pelas águas monumentais das Cataratas Vitória, um Patrimônio Mundial da UNESCO, e vivemos momentos de pura adrenalina em um *trekking* inesquecível entre rinocerontes.

Para os apaixonados por gastronomia, exploramos a cozinha viva do norte da Espanha, entre vilarejos suspensos no tempo, fermentações artesanais e sabores profundamente ligados ao território. Também seguimos pelo norte de Minas Gerais para descobrir algumas das melhores cachaças do Brasil, produzidas de forma artesanal, sustentável e carregadas de identidade.

Percorremos ainda o Rio Danúbio em busca de museus fora dos roteiros tradicionais e galerias independentes, que revelam novas narrativas da arte contemporânea. E, no mês do Orgulho LGBT+, viajamos por diferentes cidades do planeta, acompanhando paradas que transformam moda, estilo e ocupação do espaço público em manifestações de liberdade, visibilidade e luta pelos direitos da comunidade *queer*.

Que a UNQUIET continue inspirando jornadas capazes de expandir os horizontes, externos e internos, e lembrando que toda grande viagem também transforma quem a vive.

Boa viagem!

Stay alive.
Be Unquiet



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
 /revistaunquiet

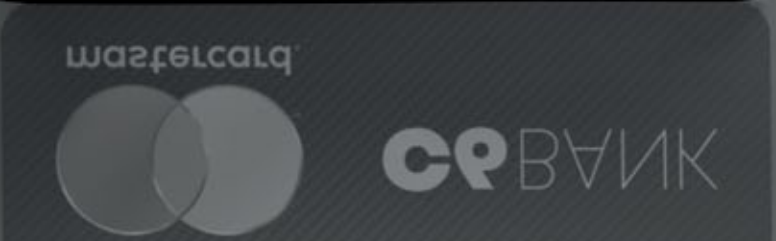
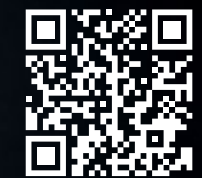
/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br



Simplificar a sua rotina
é extraordinário.

C6BANK
uma sociedade com
JPMorganChase

Baixe o app
e abra sua conta



Colaboradores



Victor Collor é fotógrafo e diretor criativo. Entre o documental e o experimental, seu trabalho investiga corpo, território e memória por meio de imagens marcadas pela luz, pelo silêncio e pela presença. Nascido em Maceió, ele realiza projetos entre a África, a América do Sul e o Oriente Médio, unindo linguagem autoral e sensibilidade poética. Nesta edição, Victor emprega seu olhar nas matérias de Aventura e Natureza.



Criativa e plural, **Rosana Hermann** é bacharel em física pela USP, com pós-graduação em física nuclear, neurociência e psicologia positiva. Colunista da *Folha de S.Paulo*, é estudiosa de inteligência artificial, membro e palestrante do Congresso Brain e embaixadora das cidades MIL Brasil, da UNESCO. Roteirista e criadora de programas de televisão de sucesso e autora de diversos livros, Rosana diseca a obra genial de David Attenborough na Biblioteca desta edição.



Dudu Bertholini é plural e multidisciplinar. Dono de um olhar diverso e sempre pronto a discutir a moda como um espelho do mundo, ele atua como *stylist* para grandes marcas e publicações como designer, licenciando produtos que levam sua assinatura, e na comunicação de moda, ao participar e apresentar programas televisivos. Nesta edição, Dudu viaja pelas principais Paradas e Passarelas do Orgulho LGBTQ+ do mundo, na seção Proudly.



Bruno Massi é movido pela ideia de que viajar não é sobre ver o mundo, mas se abrir para recebê-lo. Formado em cinema, ele desenvolveu um olhar que trata a jornada como a travessia de quem caminha. A partir do encontro com o desconhecido, busca compreender o que cada lugar revela sobre o homem e seu lugar no mundo, construindo reflexões sobre a experiência humana que vão além do deslocamento geográfico. Bruno assina a matéria da seção Natureza.



Uma inspiração para a UNQUIET desde o início, **Tuca Reines** faz parte da história da revista e da fotografia brasileira. Paulistano, é fotógrafo desde meados dos anos 1970. Arquiteto de formação, é internacionalmente reconhecido pelas belas imagens de arquitetura e de interiores em publicações de renome no Brasil e no exterior. Nesta edição, viajou ao norte de Minas para conhecer seus alambiques premiados. Ele assina o texto e as fotos da seção Brasil.



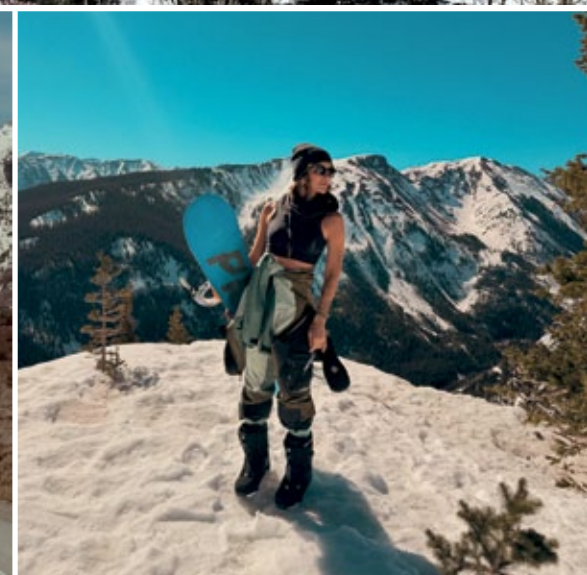
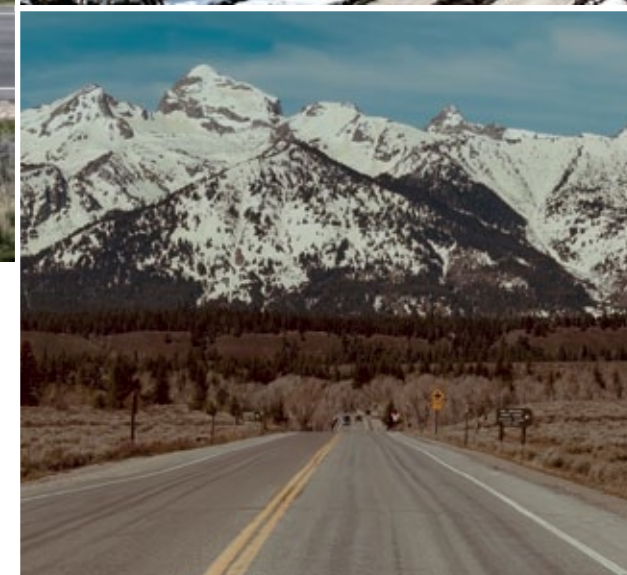
Andréa D'Amato é fotógrafa e doutoranda em antropologia. Desde cedo, ela aprendeu a gostar de viagens e conhecer lugares, suas paisagens e seu povo, registrando com suas lentes precisas os cenários e os semblantes que nos transportam para outros destinos. O carisma do povo cabo-verdiano encantou a fotógrafa e são as imagens desse país africano, situado no meio do Atlântico, que ela mostra nesta edição da UNQUIET, na seção Cultura.



Desbravador eclético, cidadão do mundo. **Carlos Marcondes** vive na estrada e há mais de 30 anos se dedica ao jornalismo, colecionando países e histórias – já são mais de 70 no coração. Sua missão é rodar atentamente o planeta e desvendar as nuances que envolvem luxo, enogastronomia e aventuras singulares. Ele vive, por hora, na Austrália e, toda vez que pensa em diminuir o ritmo, logo desiste. Ele assina a matéria de Esporte.



Kael Vitorelo é designer e artista de São Paulo, com um trabalho multidisciplinar, que mistura desenho e colagens para contar histórias de impacto. Ele é um autor premiado de HQs sobre a diversidade, como *Filosofia do Mamilo* e *Tomboy*, que compõem o acervo do Museu de Diversidade Sexual. Trabalhou em animações como *En Passant*. É mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP e colaborou com publicações e obras coletivas. É dele a ilustração da Crônica.



UMA TRAVESSIA PELO OESTE AMERICANO

Uma roadtrip cênica, feita de paisagens arrebatadoras e baseada em segurança, tração integral e alta performance a bordo do Mitsubishi Outlander

POR FLAVIA VITORINO

As histórias do Velho Oeste não se definem apenas por um cenário geográfico, ainda que ele seja determinante: extensões de planalto, rocha exposta, rios que recortam territórios áridos e uma escala pouco condicionada à presença humana. Elas se organizam também por deslocamento: longas travessias em territórios ainda em formação, percorridos outrora por povos indígenas e exploradores ao longo de trilhas irregulares, com acesso limitado à água. Parte desses caminhos foi consolidada em rotas atuais, como a Oregon Trail e a Overland Trail, atravessando o que hoje corresponde a Colorado, Utah e Wyoming.

São cerca de 1,2 mil quilômetros, que partem

de Denver, avançam em direção ao Roaring Fork Valley, onde Aspen e Snowmass se instalam, entre encostas ainda marcadas por neve, acompanham trechos da bacia do Rio Colorado até Moab e seguem ao norte, já em Wyoming, em áreas atravessadas pelo Snake River. Todo o percurso foi conduzido a bordo de uma Mitsubishi Outlander com tração integral, cuja resposta contínua à variação de terreno e aderência sustentou a condução ao longo de todo o trajeto. Além do conforto em dirigir pelas estradas durante horas, fazendo com que a noção de chegada perdesse a importância e deixando o movimento contínuo um prazer direto em conduzir, sustentado também, óbvio, pelas paisagens arrebatadoras.

Ao lado, em sentido horário, o Four Seasons Jackson Hole, Flavia faz snowboard no topo do lift Elk Camp, em Snowmass, e os picos nevados do Grand Teton National Park. Na página ao lado, Mitsubishi Outlander cruza as estradas cênicas do interior de Utah

PERFORMANCE EM QUALQUER SOLO

O primeiro trecho entre Denver e Snowmass Village cobriu cerca de 320 km e concentra uma das transições mais claras do Colorado. A altitude aumenta rapidamente, com trechos acima de 3 mil metros, alternando vales estreitos, rios e formações densas, com mudanças constantes de inclinação.

A chegada à pequena cidade de Snowmass Village marcou a transição da estrada para o descanso e para uma rotina que passa a girar em torno das montanhas de esqui, dinâmica que se sustenta na própria configuração do destino: compacto, com circulação a pé e conexão direta com a base do resort. A área esquiável está entre as maiores do estado, com pistas bem distribuídas para diferentes níveis, e uma operação que funciona com consistência, tanto na manutenção da neve quanto nas iniciativas ligadas à sustentabilidade, com a gestão eficiente de recursos e a integração ao entorno. Dentro dessa dinâmica, a hospedagem acompanha o ritmo da montanha. Entre as opções, o Viceroy Snowmass se posiciona dentro da base, com acesso direto a pistas e lifts e uma operação mais completa,



Estradas marcadas por paisagens arrebatadoras, desertos e parques nacionais coroaram a *roadtrip* pelo Velho Oeste

que inclui spa e áreas comuns amplas. É ali também que está o restaurante Toro, conduzido pelo *chef* Richard Sandoval, com uma proposta centrada no uso do fogo e em ingredientes sazonais. Já o Limelight Hotel Snowmass adota uma abordagem mais leve, com espaços abertos, atmosfera informal e localização igualmente próxima à base, funcionando bem em estadias mais longas.

Rumo a Utah, os 350 km até Moab passam a ser feitos com calma e algumas paradas. O trajeto cruza o Glenwood Canyon, entre paredões de rocha escura, moldados pelo Rio Colorado, de onde parte a trilha de cerca de 6 km até o Hanging Lake, uma pausa que rompe o ritmo seco da estrada e reintroduz a água na paisagem. O lago, de transparência rara e tons intensos de verde, é alimentado por quedas-d'água, que se espalham em véus sobre a rocha. A parada prepara o olhar para o contraste que vem a seguir, com as tonalidades avermelhadas que anunciam a chegada ao Deserto de Moab.

Passamos pelo Arches National Park, com os



arcos de arenito gigantes, que me levaram para dentro dos filmes de John Wayne. Ainda mais no fim da tarde, quando a luz aquecia o tom das rochas. Em alguns momentos, parávamos o carro sem planejamento, mais por necessidade de absorver o cenário do que por qualquer intenção de registro. Assim continuou com o Antelope Island State Park, próximo a Salt Lake City. Uma ilha acessada por uma única estrada, que atravessa uma paisagem aberta e silenciosa, com o branco das margens salinas contrastando com a água densa do Great Salt Lake. A única razão para seguir foi simples: ainda havia toda a beleza de Wyoming no roteiro.



Acima, em sentido horário, as formações avermelhadas do deserto de Utah, na estrada rumo a Moab, um dos monumentais arcos de arenito do Arches National Park, e o Mitsubishi em ação. Na página ao lado, a beleza das águas cristalinas do Hanging Lake, no Colorado



EXPERIÊNCIA E PERSISTÊNCIA

A chegada ao Grand Teton National Park, depois de cerca de 900 km rodados desde Denver, concentra a paisagem em linhas mais nítidas. As montanhas surgem abruptas, com picos recortados e neve persistente, refletidas em trechos do Snake River. No fim do inverno, tanto o Grand Teton quanto o Yellowstone National Park permanecem parcialmente fechados até maio, o que limita a entrada, mas reduz o fluxo e deixa o entorno mais silencioso. A base de esqui de Jackson Hole Mountain Resort, em Teton Village, concentra a operação com acesso direto às pistas e uma estrutura bem distribuída. O terreno é conhecido pelo perfil mais técnico, com desníveis acentuados, áreas fora de pista e descidas longas, que exigem mais controle. Também há setores bem preparados para níveis intermediários. A neve, em geral mais leve e seca, mantém sua boa qualidade ao longo da temporada. A infraestrutura inclui *lifts* modernos, áreas de apoio eficientes e pontos de parada ao longo da montanha. Na base, restaurantes e bares funcio-

nam em ritmo constante, com um *après-ski* mais contido, integrado ao ambiente da vila. O Four Seasons Resort Jackson Hole se posiciona junto à base do Jackson Hole Mountain Resort, com acesso direto às pistas e uma operação ajustada ao ritmo da montanha. A estrutura inclui *ski concierge*, spa e áreas comuns voltadas ao pós-esqui, com uma circulação fluida entre os ambientes. Os quartos mantêm uma leitura contemporânea de refúgio alpino, com materiais naturais e vistas abertas para as montanhas. A experiência se organiza com precisão ao longo do dia, sem excessos, acompanhando a dinâmica da neve e da própria estação.

Depois de dias atravessando paisagens que mudam de escala e intensidade a bordo de um Mitsubishi Outlander, a sensação não é exatamente de chegada, mas de desaceleração, como se o percurso começasse, aos poucos, a se acomodar. No fim, o trajeto se impõe menos pelos destinos e mais pela forma como ele se constrói entre eles. A estrada organiza o ritmo, e é nela que a viagem de fato acontece. 📍



Acima, em sentido horário, estrada no Grand Teton National Park, bisões em Jackson Hole e alce sob os picos do Grant Teton National Park

Acima, o belo Snake River, em Wyoming, e Flavia observa a Antelope Island State Park, às margens das salinas do Great Salt Lake, em Utah

360º

Um refúgio de paz e arte no Salar do Uyuni, fauna abundante e luxo contemporâneo no Delta do Okavango, um lodge que dialoga com as paisagens do sul da Nova Zelândia, o maravilhoso palácio de Malta e um lugar para viver a natureza indomada em uma ilha na Indonésia

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



CASA GASTÓN

À beira do Salar do Uyuni, na Bolívia, a Casa Gastón faz uma interpretação contemporânea da paisagem andina – um refúgio concebido pelo artista boliviano Gastón Ugalde, considerado o pai da arte contemporânea do país. Mais do que hotel, a propriedade foi imaginada como uma “escultura viva e habitável”, onde arquitetura, silêncio e luz dialogam com a vastidão quase etérea do altiplano. A experiência combina luxo discreto e profunda imersão cultural, conectando os hóspedes às tradições e aos saberes ancestrais por meio de caminhadas ao nascer do sol, trilhas pelo Vulcão Tunupa, encontros com rebanhos de lhamas e visitas a campos históricos de quinoa. A gastronomia, comandada pela *chef* Marsia Taha, celebra ingredientes e identidades bolivianos em criações que equilibram refinamento e território. Comprometida em se tornar o primeiro hotel carbono neutro da América Latina certificado pela Edge, a Casa Gastón coloca a sustentabilidade e o engajamento comunitário no centro de sua operação, apoiando artesãos locais e contribuindo para revitalizar a pequena vila na qual se insere. O luxo está na autenticidade e na conexão visceral com uma das paisagens mais extraordinárias do planeta.

casagaston.com





ANDBEYOND SANDIBE OKAVANGO

No coração do Delta do Okavango, no norte de Botswana, o AndBeyond Sandibe Okavango traduz o safári africano contemporâneo em um *camp* intimista e sofisticado na medida da savana. Cercado por *mopanes* e palmeiras, o *lodge* privilegia a integração com a paisagem, sem abrir mão de spa, academia e *lounges* voltados para a contemplação da paisagem. As 12 tendas elevam a experiência do safári com uma decoração elegante: banheiras com acabamentos de cobre e lareiras externas, além de detalhes inspirados no ninho do pássaro tecelão-dourado, uma referência aos telhados curvos de madeira. Os dias são guiados pela excepcional observação de fauna da região, com saídas em veículos 4x4, conduzidas por rastreadores especializados em localizar leopardos, leões e antílopes, além de uma rica avifauna. À mesa, carnes grelhadas e ingredientes locais celebram os sabores de Botswana, enquanto o clima descontraído do bar – sempre acompanhado de um gim tônica ao entardecer – reforça um dos grandes diferenciais do *lodge*, que é combinar uma aventura genuína e o luxo sem formalidades.

andbeyond.com



Zero a zero? Só se for no IOF das compras no exterior



IOF Zero em
compras no
exterior

Até 3,5
pontos/dólar
gasto

Salas VIP
no mundo
todo

Parcele compras
internacionais
em até 24x no app

Para quem espera
mais de um banco

Sujeito à análise de crédito e elegibilidade. A Campanha IOF Zero é válida exclusivamente para compras internacionais no crédito e débito, por tempo indeterminado, e poderá cessar a qualquer momento sem aviso prévio. Não serão consideradas transações no cartão de crédito internacional. Consulte o Regulamento. Confira as condições de taxas e parcelamento no app BTG Banking. Só será possível parcelar a compra já lançada na fatura vigente antes do dia de fechamento. Por isso, atente para a data de vencimento da sua fatura. O Programa de Fidelidade BTG Pactual é sujeito às regras da campanha promocional vigente. Confira os termos e condições.





THE LINDIS LODGE

No Vale Ahuriri, na Ilha Sul da Nova Zelândia, o The Lindis ocupa mais de 2,4 mil hectares, cercados por áreas de conservação, em uma das paisagens mais preservadas do país. Projetado para praticamente desaparecer no entorno, o *lodge* impressiona pela arquitetura orgânica, já que a linha ondulada do teto acompanha as curvas naturais do terreno e dialoga com a cadeia montanhosa Huxley, enquanto as amplas superfícies de vidro enquadram o cenário cinematográfico do vale.

Com apenas oito acomodações, incluindo três suítes-cápsula de vidro, voltadas à observação das estrelas, em um dos céus mais límpidos do planeta, o hotel privilegia silêncio, privacidade e imersão total na natureza. Os interiores equilibram rochas, madeira, mobiliário elegante e obras de arte, em uma leitura contemporânea do luxo alpino. Uma ampla experiência é conduzida pelo território, com passeios a cavalo, *trekking*, *e-bikes*, voos panorâmicos e pesca com mosca, que revelam diferentes perspectivas. Na gastronomia, menus sazonais valorizam ingredientes locais e vinhos de Otago, enquanto tratamentos de spa e aulas privadas de culinária ampliam a sensação de isolamento sofisticado, em meio a um cenário bruto.

thelindisgroup.com

O endereço dos melhores endereços.

PilarHomes



XARA PALACE MDINA

Instalado dentro das muralhas medievais de Mdina – também chamada Cidade Silenciosa e um dos grandes atrativos na Ilha de Malta, com mais de 4 mil anos de história –, o Xara Palace Relais & Châteaux ocupa um palácio do século XVII, que traduz séculos de história maltesa em uma experiência intimista e sofisticada. Com 17 quartos e suítes individualmente decorados, ele combina mobiliário antigo, tecidos luxuosos e vistas amplas da ilha, em uma atmosfera serena e reservada. A cidade fortificada convida a passeios por ruas de pedra e arquitetura centenária, enquanto as muralhas revelam panoramas que reforçam o senso de imersão cultural. Após um dia de exploração, o retorno ao *palazzo* oferece o equilíbrio entre a herança e o conforto contemporâneo. Na gastronomia, o destaque é o De Mondion, restaurante estrelado pelo *Michelin*, que transforma ingredientes sazonais em pratos refinados, servidos diante de paisagens deslumbrantes. No mesmo hotel, a Trattoria AD 1530 oferece clássicos mediterrâneos em uma charmosa *piazza* ao ar livre. Comprometida com a preservação histórica, a propriedade foi cuidadosamente restaurada para manter seu caráter atemporal e está a poucos passos da Catedral de São Paulo, cujos afrescos estão entre os mais belos da Europa, além de atrações como o Palazzo Falson e a Praça da Mesquita.

xarapalace.com.mt



UNQUIET APRESENTA



Made in Italy

Muito além de ser só uma fabricante de pneus, a Pirelli expressa lifestyle, alta performance, inovação e sustentabilidade

Ao pensar em pneus, é comum associá-los apenas à engenharia e à mobilidade. Mas, fundada em Milão, em 1872, a italianíssima Pirelli está posicionada no novo milênio em outros patamares industriais. Cesar Alarcon, CEO da Pirelli América Latina, traduz em poucas palavras a expressão da marca: “Lideramos uma estratégia muito clara de foco no segmento High Value, que representa produtos de alto conteúdo tecnológico e maior valor agregado”.

Alarcon é um cidadão do mundo. Nascido na Argentina e com passagens por Itália, Austrália, Singapura e China, ele recebeu a condecoração de Cavaleiro da Ordem da Estrela, da Itália, concedida pelo presidente do país, Sergio Mattarella. Não por acaso, fala de cátedra sobre o Made in Italy. “Estamos presentes nas principais montadoras do mundo, trabalhando em conjunto para desenvolver os pneus mais tecnológicos sob medida para cada carro e moto”, conta. Segundo ele, a capacidade de integrar o design e a tecnologia é uma das expressões mais claras do espírito de inovação aplicado à mobilidade. Como parte da estratégia, a companhia conta com a unidade de negócios Pirelli Design, que desenvolve parcerias com marcas como Prada e Roger Dubuis, unindo *lifestyle*, design e vanguarda.

Que grandes categorias do *motorsport* mundial tenham a Pirelli como parceira, não é por acaso. A companhia investe no esporte – com o Luna Rossa Team (America’s Cup), o Miami Open e o Australian Open (tênis) e os Jogos Olímpicos de Inverno Milano Cortina 2026 – e em altíssima tecnologia. Entre suas soluções, o Pirelli Cyber Tyre coleta e transmite dados em tempo real sobre as condições de uso, a temperatura e a pressão dos pneus. Também vale lembrar do Seal Inside, uma tecnologia da Pirelli que fecha furos sozinha e é produzida no país.



Cesar Alarcon,
CEO da Pirelli América Latina

No Brasil desde 1929, a alma italiana está presente com muita brasilidade e sustentabilidade. “A partir de 2020, a empresa estabeleceu mundialmente metas claras, como a neutralidade de carbono até 2030, além de ter a ambição de atingir o Net Zero (a remoção de todos os outros gases que causam o efeito estufa) até 2040”, conta Alarcon. Esse é um desafio global, que a Pirelli se propõe a liderar. 📍

pirelli.com.br



Explora
JOURNEYS

*Às vezes, o melhor hotel
não é um hotel.*

VIVA O OCEAN STATE OF MIND



TODAS AS SUÍTES DE FRENTE PARA O MAR | ITINERÁRIOS IMERSIVOS
GASTRONOMIA PREMIADA | BEM-ESTAR HOLÍSTICO | DESIGN EUROPEU SOFISTICADO

EXPLORAJOURNEYS.COM
Entre em contato com seu agente de viagens de preferência ou ligue para +55 11 2500 0458





NIHI SUMBA

Na remota Ilha de Sumba, na Indonésia – a cerca de uma hora de voo de Bali –, o Nihi Sumba redefine a ideia de refúgio tropical ao combinar natureza indomada, cultura ancestral e hospitalidade de altíssimo padrão. Espalhado por uma extensa faixa costeira, com praias quase intocadas e ondulações célebres entre os surfistas, o hotel nasceu do desejo de preservar o território e fomentar o desenvolvimento local, mantendo um forte compromisso com iniciativas sociais e ambientais por meio da Sumba Foundation. As *villas*, construídas com materiais naturais e telhados tradicionais, que simbolizam a proximidade com o divino, completam os jardins bem cuidados e contam com piscinas privativas, amplos terraços, banheiros ao ar livre e vista para o mar. Duas propostas gastronômicas, também com panoramas oceânicos, oferecem jantares mais formais e ambientes descontraídos, com cardápios que transitam entre sabores locais e clássicos ocidentais, em regime *all-inclusive*. Há ainda um spa imerso na natureza, fora do complexo, instalado próximo de falésias, entre arrozais e palmeiras. O acesso pode ser feito em veículo, a cavalo ou por uma trilha guiada pela selva, em antecipação a rituais que incluem massagens, tratamentos corporais e refeições leves, apreciados em uma casa na árvore voltada para as ondas. Na programação, propostas que revelam a essência da ilha, de cavalgadas ao nascer do sol e visitas a aldeias tradicionais a trilhas para lagoas azul-turquesa de maravilhar os olhos.

nihi.com



VOCÊ NASCEU PARA VOAR.

Tudo o que seu voo
precisa, em um só lugar.

Fretamento • Aeromédico • Manutenção • Gerenciamento



CONHEÇA TODOS
OS SERVIÇOS VOAR.



48 HORAS

DUAS MARGENS, EM DOIS DIAS

Troque a pressa de ver tudo por uma Istambul feita de museus, travessias, patrimônio vivo e comida autêntica

POR LUCIANA LANCELLOTTI

Na região de Mármara, no noroeste da Turquia, Istambul não cabe em dois dias, e isso é parte do seu charme. A cidade vive entre a Europa e a Ásia, mas também entre a água e a pedra, equilibrando o peso de impérios e a leveza de uma travessia de barca. Quando se tem pouco tempo para apreciá-la, o erro mais comum é tratá-la como uma prova de resistência. O melhor é escolher um eixo e ser feliz. Por exemplo, explorando em dois dias Karaköy, Galata e Pera.

Comece por Beyoğlu com café e livros: abra o roteiro na livraria Minoa Pera, que conta com mais de 45 mil títulos, em turco e em inglês, uma atmosfera acolhedora e visual marcante, e ainda foi eleita em 2025 como a livraria-café mais bonita do mundo pela plataforma 1000 Libraries. Dali, siga para o Pera Museum, que entra bem em um fim de semana curto por ter uma escala enxuta e boas coleções permanentes, com densidade suficiente para dar lastro ao dia. Um bom antídoto para a versão preguiçosa de Istambul, aquela que só enxerga mesquitas e bazares.

Almoce em Karaköy: desça para o Karaköy Lokantasi, um dos restaurantes mais certos do bairro. A cozinha turca clássica aparece com acabamento urbano e ritmo de *iokanta*, como são chamadas as famosas casas de comi-

da do dia a dia. Se tiver no menu, peça o *hünkar beğendi*, um prato otomano de carne sobre purê de berinjela defumada. Na saída, faça um desvio curto até a histórica Karaköy Güllüoğlu para um *baklava* de pistache com chá.

Tarde de arte: a dupla mais bem colocada para a primeira tarde é o Istanbul Modern e o Salt Galata. O primeiro ocupa o edifício de Renzo Piano na orla de Karaköy e segue com a mostra *Renzo Piano: Genius Loci*. O segundo, em Bankalar Caddesi, é um dos melhores lugares para ver Istambul pensando, pesquisando e se reescrevendo. Juntos, eles ajudam a equilibrar o peso histórico do segundo dia.

Jante alto no primeiro dia: reserve o Neolokal, uma estrela no *Michelin* e também Estrela Verde no mesmo guia. A casa trabalha exclusivamente com o menu degustação e funciona no histórico Ottoman Bank, hoje Salt Galata. A combinação de cozinha contemporânea séria, repertório anatólico, vinhos turcos e vista para o Corno de Ouro faz dele um dos jantares mais precisos da cidade.

Vá cedo ao coração imperial: comece o segundo dia por Hagia Sophia, um dos grandes marcos da cidade. A antiga basílica bizantina, convertida em mesquita, passa por uma nova etapa de preservação, com circuitos separados para visitantes e participantes dos cultos, e



Acima, a impressionante Hagia Sophia emoldura a movimentada Praça Sultanahmet, interior da livraria Minoa Pera e visitantes observam obras no Istanbul Modern

obras de reforço em andamento. A poucos passos dali, a Mesquita Azul ajuda a dimensionar a escala monumental de Sultanahmet, mas, em um roteiro de apenas dois dias, vale concentrar o tempo de visita entre Hagia Sophia e Topkapı Sarayı. Esse último foi o palácio dos sultões otomanos por quase quatro séculos e rende mais do que a Basílica Cisterna para quem quer entender a dimensão política e cerimonial do império. Se seu tempo estiver curto durante a visita ao Topkapı, foque-se no Harém, no Tesouro Imperial, nas Relíquias Sagradas e nos pavilhões do Quarto Pátio.

Atravesse para o lado asiático: depois do palácio, pegue a barca para Kadıköy, um dos distritos mais vivos do lado asiático de Istambul, com mercado, cafés, bares, restaurantes e a área de Moda, ótima para caminhar. A travessia entre Kadıköy, Karaköy e Eminönü é uma das decisões mais inteligentes do roteiro, com menos desgaste e mais água, vento e horizonte.

Almoce tardiamente em Kadıköy: sente-se no Çiya Sofrası. A casa funciona quase como uma aula sobre a amplitude da cozinha turca, com receitas sazonais e anatolianas, que mudam com frequência. Se aparecer no menu, vá de *vişne kebabi*, uma combinação agri-doce de carne com cerejas típica de Gaziantep, região do sudeste da Turquia. É o tipo de restaurante que desmonta os clichês de visitantes apressados.

Feche em fogo, terraço e boa base: para a última noite, reserve o Mürver, em Karaköy, no topo do Novotel Istanbul Bosphorus, que trabalha a chama viva com técnica. Entram em cena a grelha, a defumação e a vista aberta para a histórica península. Se entre as sobremesas aparecer o *yanık sütlaç*, um arroz-doce com crosta tostada, peça sem hesitar.



Acima, prato do estrelado Neolokal, movimento na histórica Bankalar Caddesi, no bairro de Karaköy, e a opulência sultanesca no interior do Topkapı Sarayı

Durma perto de tudo: para se hospedar, a base segura para este roteiro fica entre Karaköy, Galata e Pera. Considere o Peninsula Istanbul, pelo luxo e pela localização na orla, o Bank Hotel Istanbul, que fica na própria Bankalar Caddesi, o Georges Hotel Galata, mais cosmopolita, e o Casa Foscolo, em uma escala mais intimista e culta. Se o seu roteiro de 48 horas em Istambul não acontecer em um fim de semana, atente-se ao calendário: Pera Museum, Istanbul Modern e Salt Galata fecham às segundas, e o Topkapı, às terças. Na Hagia Sophia, a área de visita também pode ser fechada nos horários de oração, com restrições mais longas na sexta-feira, em geral entre 12h30 e 14h30. 📍



FOTOS: INSTITUTO TERREIRO SUSTENTÁVEL E FUNDAÇÃO PIERRE FATUMBI VERGER

Espiritualidade e meio ambiente

As “religiões da natureza” compreendem o território como sendo sagrado e fazem de sua preservação um pilar da transmissão dos saberes ancestrais

POR JÚLIA MOA

A apaixonado por viagens que lhe permitiam mergulhar respeitosamente em novas realidades, o inquieto fotógrafo francês Pierre Fatumbi Verger (1902-1996), também etnólogo e babalaô (sacerdote do oráculo de Ifá), tornou-se um mensageiro entre dois mundos: Bahia e África. Mesmo radicado em Salvador, ele nunca perdeu seu espírito nômade. Ao descobrir o candomblé, religião de matriz africana nascida da cosmovisão de povos como os iorubás, bantos e fons, dedicou boa parte da vida a pesquisas sobre o culto aos orixás, sobretudo na capital baiana, além de evidenciar a origem desses rituais em países como Nigéria e Benim (o antigo Daomé).

Ao longo de 30 anos, Pierre Verger fez diversas travessias continentais, sempre buscando as seme-

lhanças que ligam esses dois territórios, cujas conexões se intensificaram a partir do século XVI, no contexto do tráfico transatlântico de escravizados, quando africanos foram trazidos à força e aqui mantiveram e reinventaram suas tradições.

Em *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**, Pierre descreve que “o orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado que, em vida, estabeleceria vínculos que lhe garantiam o controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou a possibilidade de exercer atividades específicas, como a caça, o trabalho com metais ou ainda adquirir o conhecimento das propriedades das plantas e sua utilização”. Como exemplo dessas manifestações, Iemanjá é guardiã das



Em sentido horário, mutirão de limpeza promovido pelo Instituto Terreiro Sustentável, capa do livro *Orixás*, de Pierre Verger, e peças feitas com materiais naturais são opções sustentáveis para as oferendas. Na página ao lado, bonecas feitas com folha de milho e palha da costa



águas, Oxum, das águas doces, Xangô, dos raios e do trovão, Oxóssi, das matas e florestas, e Iansã, dos ventos e das tempestades.

Para os praticantes de religiões de matriz africana e afroindígena no Brasil – como o candomblé, a umbanda, a jurema e a pajelança –, cultivar divindades que representam a natureza significa, antes de tudo, compreender que a preservação ambiental e a espiritualidade são indissociáveis.

O biólogo e babalorixá Rodrigo Carneiro, do Terreiro de Obatalá – Ilé Omi Orun e da Ordem Umbandista Cacique Pena Branca, em Sepetiba, Rio de Janeiro, contou à UNQUIET que “todo o nosso culto está ligado à natureza, é a base, e vivenciamos rituais nesse ambiente, numa simbiose inseparável”. Segundo a liderança, a manutenção da espiritualidade só ocorre se houver o contato com o espaço natural sagrado, de preferência sem lixo, desmatamento e atividades que prejudiquem os ecossistemas.

Especialista em botânica e educação ambiental, ele diz, brincando, que quem deu seu diploma foi o candomblé, visto que muitos aprendizados relacionados à temática vieram dos saberes transmitidos oralmente por seus familiares – descendentes de um bisavô pajé –, como o uso de folhas e plantas sagradas, colhidas nas matas, para fins medicinais. “Eu me tornei biólogo por causa do terreiro. Desde criança, já trabalhava com as plantas e fui buscar conhecimento científico pelas minhas responsabilidades ali dentro”, afirma o babalorixá.

À frente do Instituto Terreiro Sustentável (ITS), uma iniciativa oficializada em 2022, Rodrigo coordena o projeto Matriz Ambiente Limpo, que, há mais de 25 edições, promove mutirões de limpeza

e ações de conscientização ambiental em espaços naturais. Em uma das atividades, o time retirou da natureza mais de 100 alguidares (os recipientes de barro usados em oferendas), além de 60 toneladas de resíduos religiosos. “Todas as vezes que vou à mata, levo saco e vassoura, porque a maior oferenda que posso fazer a Oxóssi é limpar a casa dele, retirando tanto o lixo das próprias práticas religiosas quanto o deixado por pessoas de fora da comunidade. Enfim, tudo que destrói aquele ponto de força”, explica Rodrigo.

Esse zelo também se aplica à entrega do presente na Festa de Iemanjá, realizada todos os anos em Sepetiba. O ITS incentiva que todos os participantes levem balaios sustentáveis ao mar ao promover oficinas gratuitas para ensinar como montá-los. O babalorixá pontua que o cuidado ecológico está presente nos mínimos detalhes: o cesto é feito de folha de coqueiro, a boneca que simboliza Iemanjá, de folha de milho e palha da costa, o glitter colorido, com gelatina em pó, e as biojoias destinadas à divindade levam sementes de açaí. As flores sem tinta, as ervas de cheiro e as frutas, que fazem parte da oferenda, igualmente podem ser lançadas ao mar, em contraste com materiais como tecido, vidro e plástico, que demoram muitos anos para se decompor. 📍

***Solisluna editora**

Fundação Pierre Fatumbi Verger pierreverger.org;
@fundacaopierreverger
Instituto Terreiro Sustentável terreirosustentavel.com;
@its.sustentavel

Onde o clássico e o surpreendente se encontram

Em sua quarta edição, C6 Fest levanta São Paulo apresentando um line-up de curadoria afiada e elegância atemporal

POR MARCOS DIEGO NOGUEIRA

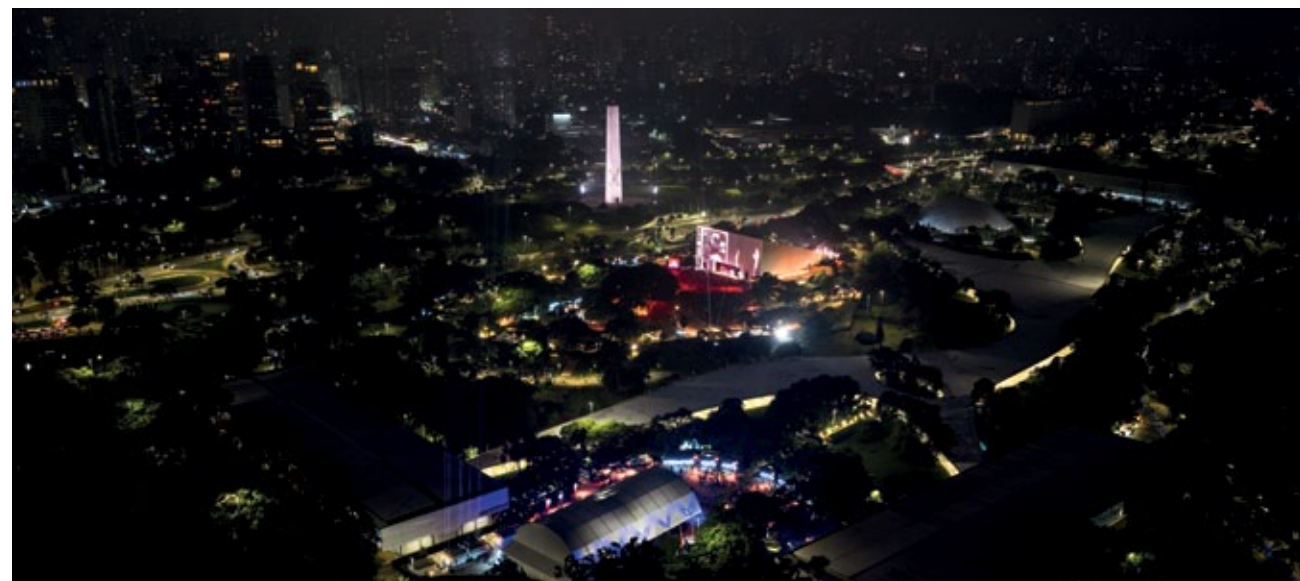
Desde a sua primeira edição, em 2023, o C6 Fest vem mostrando uma qualidade rara entre os festivais contemporâneos: a capacidade de transformar o público no meio do caminho. Afinal, você pode até estar ali movido por um *headliner* específico, um show que você aguarda há anos, mas dificilmente sai do Parque Ibirapuera, em São Paulo, sem a experiência de ter conhecido e escutado novidades ou clássicos que à época do sucesso passaram batido. Como poucos, ele mantém o verdadeiro espírito de um festival.

Parte disso vem da curadoria comandada por Monique Gardenberg, que usa a mesma tática de festivais históricos, como Free Jazz e Tim Festival, ao apostar na precisa combinação entre nomes consagrados e apostas. A edição de 2026 começou com um charme adicional: artistas como o tunisiano Anouar Brahem

e a lenda do jazz norte-americano Branford Marsalis ministraram *masterclasses* a alunos interessados, reforçando a sensação de que o festival queria ser mais do que uma sequência de shows. E, por falar neles, ambos tocaram na noite de abertura (quinta-feira, 21 de maio), a primeira a ter os seus ingressos esgotados e que contou também com o jovem Julius Rodriguez.

Na sexta-feira (22), seguindo a linha entre o jazz e as experimentações sonoras, o Knower encerrou os trabalhos com sua mistura de funk, jazz, eletrônico e metal, em quase uma rave tocada por músicos de conservatório, numa noite que contou também com Brandee Younger e uma homenagem ao mestre brasileiro feita pela Hermeto Pascoal Big Band. A precisão instrumental impressionava tanto quanto a energia caótica do show.

Ficou para o final de semana a parte mais pop, digamos assim.



Acima, em sentido horário, o movimento no Auditório Ibirapuera nas noites de jazz, o pianista americano Julius Rodriguez, o mesmo artista em performance e apresentação da Anouar Brahem Quartet

SHOWS ÉPICOS

Nos palcos, entre a Tenda MetLife (coberta e mais intimista) e o Palco Heineken, o trio feminino de Chicago, Horsegirl, iniciou os trabalhos com seu *indie rock* cru e elegante. As mulheres, aliás, dominaram boa parte dos momentos mais fortes do festival. Como mostrou a cantora ganense-americana Amaarae, ao dominar sozinha a plateia na abertura do descoberto e chuvoso palco principal.

O inglês Baxter Dury (outro golaço da programação) já havia feito seu show no momento em que o festival começou a ganhar contornos épicos. Quando Mano Brown entrou no palco principal, uma atmosfera quase palpável de êxtase tomou conta. Com uma trupe de mais de 20 pessoas – entre músicos e dançarinos – e acompanhado de Rincon Sapiência. O “baile do chefe”, como foi intitulado, contou com músicas de Rincon e da carreira solo de Brown, encerrando com *hits* dos Racionais, as duas partes de *Vida Loka* e o trecho inicial de *Capítulo 4, Versículo 3*.

Na sequência, o BaianaSystem elevou ainda mais a temperatura ao convidar os tanzanianos Makaveli e Kadilida para um verdadeiro caldeirão sonoro.

Na tenda mais intimista, o Wolf Alice fez um dos shows mais carismáticos do festival. Ellie Rowsell conversava com a plateia o tempo inteiro, agradecia, sorria, improvisava comentários e recebia tudo de volta, numa troca imediata: banda e plateia estavam emocionadas de estarem ali.

No mesmo palco, o líder do The National, Matt Berninger, trilhou pelo intimismo elegante. Em determinado momento, desceu para a plateia e passeou até fora da tenda, aquecendo ainda mais os corações de quem estava lá. Um show que parecia concebido para ser assistido apreciando uma boa taça de vinho.



Hits que embalaram gerações e novos sucessos garantiram a emoção do público, que dançou, pulou e entoou as músicas em todos os shows

POESIA MUSICAL E SABORES AFETIVOS

Aliás, poucas experiências gastronômicas dialogam tão bem com música quanto no C6 Fest. Entre cervejas, drinques e vinhos, o público circulava entre restaurantes italianos assinados por *chefs*, comida japonesa, sorvete italiano, culinária árabe e hambúrguer.

A noite foi encerrada em grande estilo, com os britânicos do The XX entregando *hits* não só da carreira, mas também de seus trabalhos solo, fazendo o público pular e se emocionar na mesma proporção.

Já no domingo, outra data com ingressos rapidamente esgotados, o dia estava mais seco e o festival significativamente mais cheio. A explicação era simples: todos aguardavam “o pai de todos”. O cantor Robert Plant, a voz do histórico Led Zeppelin, pairava sobre a programação inteira como uma entidade fundadora, um pontífice de tudo o que apareceu nos palcos ao longo do fim de semana.

Antes disso, porém, houve delicadezas impor-

tantes. O brasileiro Samuel de Saboia abriu os trabalhos para a soul intensa e poética de Benjamin Clementine. Na sequência, a francesa Oklou aqueceu a tenda com sua ambient intimista para a sueca Lykke Li, dona do *hit I Follow Rivers* e que homenageou Caetano Veloso com uma versão de *Sozinho* (de Peninha). Poucos minutos antes, no outro palco, o Beirut fazia o mesmo ao apresentar *Leãozinho* em seu concerto cheio de melodias e paisagens sonoras. Ainda tivemos o sempre excelente Paralamas do Sucesso em companhia da Nação Zumbi e, mais cedo, o synthpop do duo Magdalena Bay.

Mas o encerramento pertencia mesmo a Robert Plant. Aos 77 anos, o cantor continua recusando a própria condição de monumento. Em vez de simplesmente reproduzir nostalgia, dá novos arranjos a canções de artistas clássicos, como Neil Young e Moby Grape, e, com a banda Saving Grace e a cantora Suzi Dian, reinventa o próprio repertório em hinos como *Ramble On*, *Four Sticks*, *Friends* e *Rock and Roll*. Segue sendo relevante.

Como festa boa não tem hora para acabar, as noites ainda trouxeram agradáveis encerramentos. No espaço Pacubra, DJs colocaram o povo para chacoalhar. No auditório, pelo C6 Lab, Cameron Winter, líder da banda Geese e o novo queridinho do rock, fechou o domingo (no sábado, havia sido a vez da guatemalteca Mabe Fratti). De certa forma, aos 24 anos, Cameron carrega o legado iniciado por Plant quase seis décadas atrás.

O C6 Fest carrega a tradição como sendo um movimento contínuo. Por isso, em 2026, consolidou de vez a sua posição como uma das programações musicais mais interessantes do Brasil. 📍

Acima, em sentido horário, The XX agita o festival, Romy, guitarrista e co-vocalista da mesma banda em solo, na guitarra e o público em ebulição no show. Na página ao lado, os Paralamas do Sucesso em ação, Robert Plant leva multidão para cantar junto e o agito noturno toma conta do Ibirapuera

David Attenborough

Um século de encantamentos com a vida

Em 100 anos de vida e mais de sete décadas de viagens e descobertas, compartilhadas em filmes, livros e séries magistrais, David Attenborough tem ensinado o mundo a se maravilhar com as belezas e os mistérios da vida selvagem, a se reconhecer como parte da natureza e a assumir a responsabilidade de protegê-la

POR ROSANA HERMANN



Ao completar um século de vida, em 2026, o naturalista britânico David Attenborough ainda parece olhar para a vida na Terra com a curiosidade de um menino. São mais de 70 anos atravessando florestas, desertos, oceanos, geleiras e savanas, convivendo com as mais diferentes espécies, sem perder o maravilhamento diante da vida selvagem. Talvez resida aí sua grandeza mais profunda: não apenas no conhecimento acumulado, na filmografia monumental ou na autoridade moral conquistada ao longo de décadas, mas na fidelidade a essa emoção original. Attenborough sempre se deixou tocar pela beleza, pela estranheza e pela exuberância do planeta e exercitou sua generosidade ao compartilhar tudo isso. Por ser também testemunha das mudanças drásticas provocadas pelo homem, ele é muito mais do que um narrador da natureza. É alguém que nos fez reconhecer que somos parte dela e que, se a recebemos como herança, temos também a responsabilidade de entregá-la viva e saudável às gerações que virão.

NASCE UM NATURALISTA

David Attenborough nasceu em 8 de maio de 1926, em Londres, e cresceu em Leicester, numa Inglaterra que ainda carregava as marcas da guerra. Formado em ciências naturais em Cambridge, entrou para a BBC em 1952, num momento em que a televisão era jovem, ainda em preto e branco, e ensaiava timidamente seu poder de aproximar o público de realidades distantes. Foi com *Zoo Quest*, série lançada em 1954, que seu caminho para a história natural começou a se desenhar. O trabalho o levou a viajar pelo mundo em busca de animais raros e o transformou, quase por acaso, em apresentador. Àquela época, viajar para continentes distantes ainda exigia semanas de navio e as câmeras funcionavam com rolos de filme. Ainda assim, essas imagens chegavam às salas de estar britânicas como pequenas janelas para um planeta que poucos olhos haviam visto. Nasceu aí, no encontro entre ciência, exploração e imagem, o naturalista que viria a moldar, para sempre, o nosso olhar sobre a vida na Terra.

CONSAGRAÇÃO E LEGADO

Attenborough ajudou a reinventar o documentário de natureza, criando uma linguagem que transformou o espectador em companheiro de viagem. Depois de ocupar cargos importantes na BBC, ele voltou ao trabalho de campo e à apresentação para construir as obras que o tornariam uma referência



Ao longo da vida, o naturalista conviveu intensamente com a natureza, encantou o mundo e foi nomeado cavaleiro pela rainha Elizabeth II

mundial. O ponto de inflexão veio com *Life on Earth* (1979), série que transformou a história da evolução em espetáculo televisivo e abriu caminho para uma sucessão de títulos decisivos, como *The Living Planet* (1984), *The Trials of Life* (1990), *The Blue Planet* (2001) e *Planet Earth* (2006). Ao longo de uma carreira iniciada nos anos 1950, Attenborough atravessou quase oito décadas na televisão e se tornou, para diferentes gerações, a voz mais reconhecível da vida selvagem. A grande percepção que amadurece em sua obra mais recente, e que ele associa também ao impacto de ver a Terra fotografada do espaço na era Apollo, é a de que os recursos de nosso planeta azul não são ilimitados: a exuberância da vida convive com a finitude deles e com a fragilidade do mundo natural. É essa consciência que dá ao seu trabalho uma gravidade particular: a de quem não apenas celebrou a beleza da Terra, mas assistiu de perto à redução dramática da vida selvagem e despertou, em todos nós, a urgência de preservar e restaurar o que foi devastado pela ação humana. Sua contribuição para o que hoje chamamos de consciência ecológica foi tão decisiva que, em 1985, ele foi nomeado cavaleiro pela rainha Elizabeth II, tornando-se *sir* David Attenborough.

PARA LER

Life on Earth (1979): organiza, em linguagem acessível, a grande história da vida no planeta.

The Private Life of Plants (1995): expande o maravilhamento para além de uma fauna carismática.

The Blue Planet (2001): ideal para quem quer prolongar a experiência da série.

Life on Air (2002): sua autobiografia. O melhor livro para conhecer o homem por trás da voz e da imagem públicas.

A Life on Our Planet (2020): um balanço de vida, um diagnóstico da crise ecológica e uma defesa do futuro da Terra.

OBRAS PARA LER, RELER E COLECIONAR

Em 2026, ano de seu centenário, ganham novo valor as primeiras edições de *Life on Earth* e as reimpressões comemorativas de *A Life on Our Planet*. São livros que não apenas narram maravilhas sobre a natureza selvagem, mas também a história de quem dedicou a própria vida a contá-la – um legado de quem descobriu, na prática, que a vida é uma grande viagem.



Contínuas paisagens

Laura Villarosa ganha uma mostra individual na Zipper Galeria

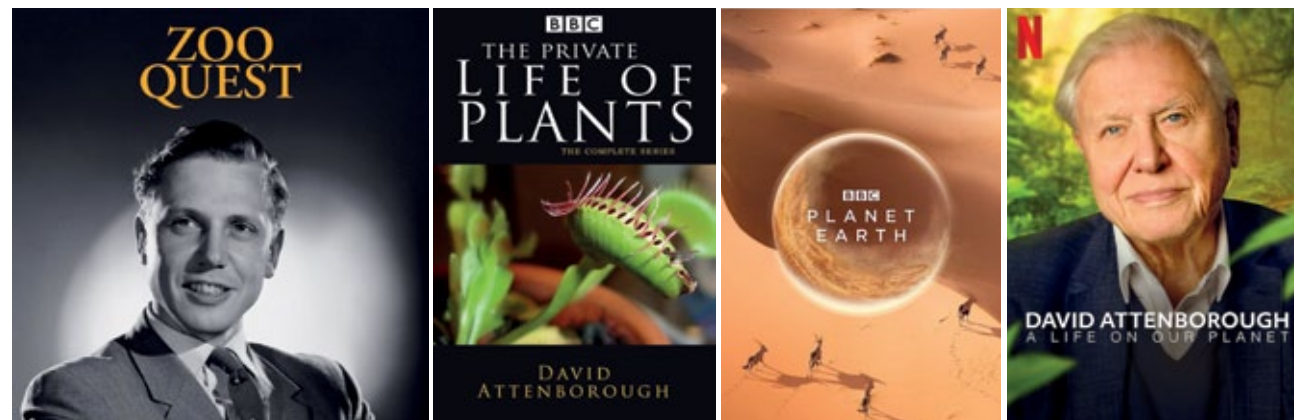
POR MARIO GIOIA

Laura Villarosa continua a explorar as conexões entre a pintura e a arte têxtil na sua nova mostra, que ganha o espaço expositivo da Zipper Galeria em maio e junho deste 2026. E a paisagem, um dos gêneros que movem a história da arte, ainda é o foco da artista ítalo-brasileira. Nas cerca de 20 telas que compõem a individual, Laura desdobra sedutoras materialidades no cruzamento das linguagens pictórica e do tecido, cativando a atenção de quem passar pela galeria nos Jardins, São Paulo. “Trago uma paisagem continuada, em oposição aos recortes que nosso mundo cada vez mais produz”, explica ela. “E as obras sempre têm um tom emocional. Disso não há como fugir.”

Nascida na siciliana Palermo, Itália, em 1961, Laura não deixa de extrair a diversidade de cor e luz entre a Europa, que visita com frequência, e o Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Mais especificamente na Região Oceânica, em Niterói, onde praias como Itaipu e Camboinhas estão em mar aberto. “Visitei recentemente meu filho na Bélgica e, quando voltei, a luz era totalmente distinta. Os quadros ficaram muito no azul”, conta ela. “A fluidez das paisagens de onde vivo certamente é refletida nos meus trabalhos. Os tons de verde e azul ficam muito presentes.”

A artista exhibe telas de escalas diversas, desde uma de grande porte, com 7 m de largura, já apresentada na Casa Brasil, no Rio, a peças pequenas, de 30 x 20 cm. Entre o figurativo e o abstrato, o natural e o construído, Laura lida com as diferentes especificidades de cada material. “Gosto de explorar todas as potencialidades, subvertendo o atributo de cada um deles”, diz. Nessas obras, de caráter híbrido, em que há pouca diferenciação entre o que é pintura e o que é têxtil, os gestos embaralhados de pintar e tecer criam uma marca autoral cheia de vigor, que não cessa de surpreender. 📍

Acima, a obra *Correnteza II*, de Laura Villarosa, em destaque na Zipper Galeria

**PARA VER**

Zoo Quest (1954–1963): a série que lançou Attenborough, unindo expedição, zoologia e televisão num tempo em que ver animais exóticos na tela era uma experiência extraordinária.

Life on Earth (1979): uma grande narrativa sobre a evolução e a diversidade da vida no planeta. Três anos de produção e filmagens em mais de 100 locações.

The Blue Planet (2001): um mergulho no mundo marinho, que revelou ao grande público a complexidade e o mistério dos oceanos.

Planet Earth (2006): a Terra filmada com ambição visual sem precedentes, transformando paisagens e espécies em uma experiência sensorial e planetária.

David Attenborough: a Life on Our Planet (2020): memória pessoal, testemunho da devastação ambiental e apelo à preservação.

The Green Planet (2022): dedicada ao universo das plantas e à inteligência silenciosa do mundo vegetal. Filmada em 27 países com uma tecnologia inovadora. 📍

Companheiros de jornadas

Produtos que unem propósito, performance e permanência para quem faz de viajar um modo de vida

POR LUCIANA LANCELOTTI



MALA PARA DURAR, E NÃO PARA TROCAR

A neerlandesa Nortvi, de Amsterdã, trabalha com uma ideia rara no mercado de malas: a bagagem sustentável não deve parecer provisória. A Elite Cabin Suitcase tem desenho limpo, bolso frontal para laptop, forro feito de garrafas PET recicladas, detalhes de couro vegano, garantia vitalícia e reparos gratuitos. O argumento mais interessante, porém, está na permanência. Quando uma peça não pode ser reparada ou revendida, a marca reinsere seus materiais na reciclagem. É uma mala para circular muito, sem entrar na lógica de troca rápida.

nortvi.com

TRÊS FUSOS NO MESMO PULSO

Quem já saiu de Guarulhos de madrugada e aterrissou em Tóquio na noite do dia seguinte, com direito a conexão em Dubai, conhece o drama de perder a noção do tempo, literalmente. A safra 2026 do Tudor Black Bay 58 GMT resolve isso com elegância mecânica, desde o ponteiro GMT independente até a caixa de 39 mm, com 12,8 mm de espessura, e certificação Master Chronometer, que garante a precisão mesmo sob campos magnéticos de 15 mil gauss. O fecho T-Fit permite ajustar o bracelete em até 8 mm sem ferramentas, útil quando o pulso incha sob o calor de uma trilha ou na pressurização de um voo longo. A Tudor documenta em relatórios anuais seu compromisso com matérias-primas livres de conflito e metas climáticas auditáveis. Um relógio para atravesar fusos e gerações com a mesma integridade.

tudorwatch.com



SILÊNCIO QUE DURA SEMANAS

Cento e trinta horas de bateria. Você leu certo: dá para usar o Positive Vibration Rebel ANC por semanas, sem carregar. E, com o cancelamento de ruído ligado, são 75 horas – ainda assim, absurdo. Para os que vivem em avião, fazem trabalho longe de casa ou simplesmente detestam ficar procurando tomadas, eis uma grande diferença. Os drivers, de 40 mm, entregam graves firmes e agudos limpos, e o ANC adaptativo corta o ronco do motor sem abafar os avisos da tripulação. A construção combina madeira certificada, alumínio reciclado e tecido sustentável, com a vantagem de dobrar e caber em qualquer bolsa de mão. O legado de Bob Marley, que inspira a marca, está na filosofia, antes de aparecer na embalagem.

thehouseofmarley.com

FILMA TUDO, ENQUADRA DEPOIS

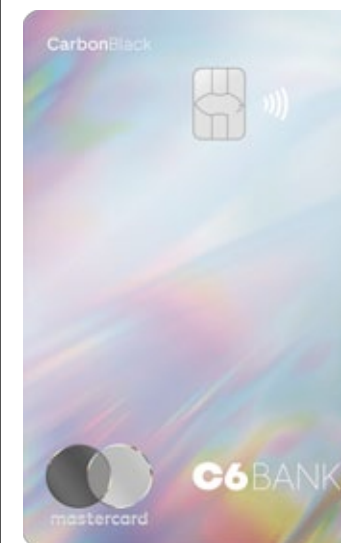
A Insta360 X5 funciona ao contrário das câmeras convencionais. Em vez de decidir o enquadramento antes, ela grava em 360 graus e você escolhe o recorte quando for editar. O sensor 8K captura a cena inteira. Depois o software identifica o assunto principal e reenquadra sozinho, ou você faz manualmente, se preferir. O bastão de *selfie* some da imagem como uma mágica, dando o efeito de drone sem precisar de um. A câmera aguenta até 15 m de água sem caixa estanque e sobrevive a tombos em trilha sem proteção extra. Para quem filma em movimento, ela mata aquela paranoia do “perdi o momento” porque tecnicamente você gravou todos os ângulos possíveis.

insta360.com



DIVERSIDADE COMO COMPROMISSO

No C6 Bank, impacto social e experiência do cliente caminham lado a lado. Com visual holográfico inspirado nas cores do arco-íris, o cartão Rainbow celebra o orgulho LGBTQIAP+. Esse posicionamento tornou o C6 Bank o primeiro banco



a permitir o uso de nome social no cartão e no app, além de oferecer a possibilidade de realizar doações para organizações parceiras, em dinheiro ou por meio dos pontos C6 Átomos.

c6bank.com.br

DESCIDA RESPONSÁVEL

O *snowboarder* Jeremy Jones ficou famoso descendo montanhas que a maioria das pessoas nem sequer consegue subir. Quando fundou sua marca de pranchas, quis devolver algo a esses lugares. A prancha Frontier 2.0 sai de uma fábrica movida 100% a energia solar. No lugar da fibra de carbono tradicional, usa-se o laminado de basalto, um mineral vulcânico que dá rigidez sem um impacto ambiental pesado. A resina é feita de materiais de origem vegetal, as laterais usam plástico ABS reciclado e a base é do tipo sinterizado de alta densidade, que segura a velocidade no gelo duro e não sofre tanto na neve irregular das estações da Argentina e Chile. É uma peça direcional, com flex que perdoa erros sem ficar mole demais.

jonessnowboards.com



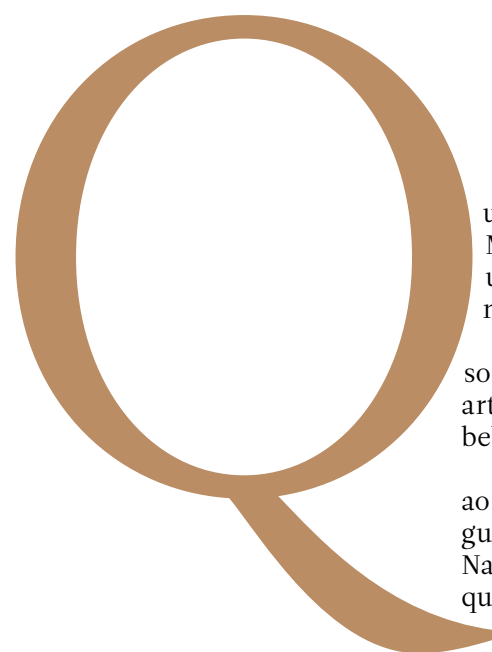
A photograph of a bar with extensive shelves of liquor bottles. The shelves are filled with various bottles of alcohol, including beer, wine, and spirits. The bar has a dark green wall and a wooden counter. A doorway with a striped curtain is visible in the background.

BRASIL

A ROTA DOS ALAMBIQUES MINEIROS

*No norte de Minas Gerais,
Salinas e Januária são o berço
de rótulos premiados e dão
um exemplo com alambiques
sustentáveis - além de estar bem
pertinho de um dos mais belos
parques nacionais do Brasil*

POR TUCA REINÉS



Quase sempre as viagens começam com um objetivo e um destino claros. Mas viajar raramente é uma ciência exata. Basta uma distração aqui, uma bifurcação ali, uma curiosidade acolá e, pronto, o destino vira caminho e os caminhos, ah, esses sim viram a verdadeira viagem.

Viajamos rumo ao norte de Minas Gerais para conhecer os famosos alambiques que produzem cachaça em pequena escala e de forma artesanal nas regiões de Salinas, a mais importante na produção da bebida no Brasil, e Januária, também reconhecida.

No meio desse percurso, no entanto, qual não foi a nossa surpresa ao descobrir que as maravilhas do cerrado, perto do Rio São Francisco, guardam um dos mais belos parques nacionais brasileiros, o Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu. Um lindo desvio em nossa viagem, que você confere a seguir.

O TERROIR DA CACHAÇA

Nossa incursão propriamente dita começou em Montes Claros, a bordo de um Mitsubishi Eclipse 4X4, rumo a Salinas e seus arredores, onde a ideia central era visitar os alambiques e conhecer a produção de diversos rótulos, embora menos de dez alambiques façam o processo todo, do plantio ao engarrafamento, dentro da própria fazenda. Salinas é reconhecida por sua produção de excelência e ainda sedia o Festival Internacional da Cachaça, que acontece todo mês de julho.

Nossa primeira parada foi na Fazenda Havana, que produz a Havana e a Anísio Santiago, as mais conhecidas do Brasil pelo seu sabor especial, e também pelo alto custo de suas garrafas. Quem nos recebeu na fazenda foi o filho de Anísio, Geraldo Santiago, que mostrou todo o processo da pequena produção, que continua igual desde 1943, época em que seu pai começou a alambicar a Havana. Anísio era um homem metódico e sua metodologia o transformou em uma lenda das cachaças. Orgulhoso, Geraldo nos

Acima, garrafas de diversos rótulos em prateleira da Apacs e Eilton Santiago ao lado da dorna da Cachaça Canarinha, em Salinas



contou inúmeras histórias do pai, em torno de uma mesa redonda, recheada de pães de queijo e bolos com café, tudo produzido na fazenda. Um desses momentos que não se esquecem nunca.

O controle e a tradição são o sucesso da qualidade da cachaça Havana: o hectare de cana que está no mesmo lugar há quase um século, plantado perto da água pura (tudo orgânico), envolto pela mata nativa e se alimentando do solo perfeito de sal calcário (por isso o nome de Salinas). O processo manual de colheita, a moagem asséptica e a fermentação usando o milho plantado no local iniciam o processo, que inclui ainda o alambique centenário, que é lavado diariamente, na produção, com limão e bucha, também plantados na fazenda, além do engarrafamento perfeito e da colagem com carinho do rótulo, feito à mão pelo Valter, o gerente da fazenda. Tudo isso assegura a sustentabilidade implantada pela fazenda. Para manter a qualidade, eles nunca quiseram aumentar a produção, que é de 15 mil litros por ano, sempre com a mesma alquimia criada por Anísio.

Impossível não se encantar com o descanso do “precioso líquido” nas dornas de madeira balsamo, também centenárias, que foram montadas na região por um tanoeiro de Salinas nos anos 1940

Apenas oito alambiques são reconhecidos pelo processo completo, do plantio ao engarrafamento, dentro das próprias fazendas, de forma totalmente sustentável

Acima, Marcos Miranda, da Tanoaria Salinas, e fachada do Cine Januária. Na página ao lado, neta e bisneta de Claudionor Carneiro, hoje responsáveis pela produção da premiada Cachaça Claudionor, e rótulos da mesma cachaça em exposição no museu no centro de Januária





usando o bálsamo, nascido na mesma terra da cana-de-açúcar: essas dornas finalizam o processo de manufatura da cachaça Havana.

Por isso, na mesma região, fomos conhecer a Tanoaria Salinas, do artesão Marcos Miranda Sarmento, para entender o descanso da cachaça no bálsamo, que faz as cachaças de Salinas terem um sabor especial e único. Marcos faz barris de todos os tamanhos e a manutenção de dornas antigas dos alambiques de Salinas: sua fábrica é a arte do encaixe de madeiras.

TALENTO DE FAMÍLIA

Na Fazenda Brejinho, da mesma família Santiago, conhecemos Noé Santiago, sobrinho de Anísio, que começou a fazer a Cachaça Canarinha com o mesmo modelo da Havana. Noé trabalhou durante 14 anos com o tio, Anísio, na Fazenda Havana e aprendeu tudo da produção sustentável e orgânica em pequena escala. Quem nos apresentou a fazenda foi Eilton, filho de Noé, falecido há quase 20 anos. Depois de provar a Canarinha e notar seu sabor tão marcante, eu quis saber o segredo. Eilton, então, contou que se trata de um segredo complexo, que vai “do plantio da cana à tampa da garrafa”. As duas plantações de cana Havana e Canarinha têm as mesmas características: feitas em um baixio, orgânicas, de água pura e num *terroir* marcado pela grande mata nativa e pelo clima de Salinas, que é perfeito. O armazenamento em dornas de bálsamo dá à cachaça a chancela de ser Salinas.

Uma vez na região, é importante visitar a Apacs (Associação dos Produtores Artesanais de Cachaça de Salinas), onde estão disponíveis todas as informações de alambiques, degustações de centenas de marcas que a região tem e ainda uma bela loja com livros, garrafas e demais produtos regionais. Tudo com o selo de indicação geográfica que rece-

beram do Inpe, que dá credibilidade aos produtos da região de Salinas.

O Museu da Cachaça é imperdível. Ele impressiona pelo tamanho e por sua arquitetura moderna, com espaços generosos e bem projetados. O Mercado Central de Salinas é pitoresco. Na loja do Lúcio, você encontra uma quantidade respeitável de rótulos, além de uma boa prosa com degustação, o que é de praxe. Não posso deixar de indicar as cachaças Sabiá e Sabinosa, ambas de pequenas produções orgânicas e com controle total, do plantio ao engarrafamento.

MARAVILHAS NATURAIS

De volta à estrada, saímos de Salinas percorrendo diversas cidades até chegar ao Rio São Francisco. De balsa, atravessamos até Itacarambi, ao lado do Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu, uma área fantástica, que acabou de receber o título de Patrimônio Mundial Natural da UNESCO. Administrado pelo ICMBio, ele tem posição geográfica demarcada entre a Chapada dos Veadeiros e a Chapada Diamantina. Lá, com a contratação de um guia cadastrado, você poderá visitar vários sítios arqueológicos com pinturas rupestres e mais de 200 grutas – destaque para a Gruta do Janelão, com mais de 100 m de altura. Além de não ser nada claustrofóbica, ela guarda a maior estalactite do planeta, a Perna da Bailarina, de 28 m de extensão.



Acima, em sentido horário, moedor, alambique e garrafas de edição especial da Cachaça Havana, na Fazenda Havana. Na página ao lado, plantação de cana na mesma fazenda



A impressionante Gruta do Janelão, no Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu



CACHAÇA HISTÓRICA

Cidade histórica à beira do São Francisco, Januária tem o perfume do passado. Passear por suas ruas remete a centenas de anos atrás, e lugares como o Hotel Rondônia e o Cine Salinas, com a arquitetura preservada, colaboram para a sensação de viagem no tempo. Na cidade, o Restaurante Babalu, de Daniel de Aquino Ferreira Bebianno, uma família tradicional dos alambiques da região, tem sua cachaça própria (a antiga Nova Aquino) em uma dorna de 1803. Às margens do rio, o Rancho Bar, do Rogério, serve peixes locais, como pintado e tambaqui, na brasa com cerveja gelada. Um gostoso passeio para os finais de tarde.

Vimos a Januária para conhecer a famosa Claudionor, sendo recebidos por Luciana, bisneta de Claudionor Carneiro, que começou nos anos 1920 a fazer e vender essa cachaça de cor única, com 48% de teor alcoólico. Com a ajuda do Rio São Francisco, ele enviou suas garrafas para outros estados do Nordeste, por meio dos vapores *Benjamin Guimarães e Venceslau Brás*, da Companhia Baiana de Navegação. Assim começou o seu triunfo no ramo.

Claudionor começou a plantação e a alambicagem em Salgado, hoje chamada Brejo do Amparo. O processo de “acalmar a cachaça”, como ele mesmo dizia sobre o descanso do líquido, era feito – e ainda é – em dornas da árvore amburana (que pode ser chamada de imburana).

Hoje Januária é sinônimo de cachaça boa. Sua produção está em torno de 40 mil litros por ano. Na cidade, Claudionor montou o seu centro de distribuição. A casa hoje abriga dornas com mais de 100 anos, para o envelhecimento, uma loja de cachaças e ainda um pequeno museu sobre a história de Claudionor, no centro histórico da cidade.

A região é a que tem os rótulos mais bonitos entre as garrafas brasileiras. Claudionor fez o seu rótulo em homenagem às regiões nacionais. Não posso deixar de mencionar mais três cachaças de lá: a Caribé, a Velha Januária e a Insinuante.

O carinho com a terra e a persistência em ter um produto de alta qualidade fizeram com que a cachaça do norte de Minas se tornasse reconhecida no Brasil graças a duas famílias, as Claudionor Carneiro e de Anísio Santiago. 📍

Acima, pinturas rupestres e formações rochosas em cavernas no Parque do Peruaçu. Na página ao lado, o Mitsubishi Eclipse 4x4 mostra sua performance durante o percurso





A ALMA MUSICAL DE CABO VERDE

Terra natal da cantora Cesária Évora, Cabo Verde surpreende pelas lindas trilhas para caminhadas e pela envolvente cena cultural

POR DANIEL NUNES FOTOS ANDRÉA D'AMATO



Sodade. É ainda no calor apaixonado – e já saudoso – de quem recém-chegou de uma dessas viagens de arrebatador o coração que escrevo sobre Cabo Verde, enquanto ouço a música mais famosa de Cesária Évora. A cantora, que colocou esse pequeno país africano no mapa da arte mundial, embalou boa parte da minha jornada por esse remoto arquipélago de dez ilhas no Oceano Atlântico. Com foco em percorrer algumas das mais lindas trilhas para caminhada da África, planejei inicialmente uma viagem de dez dias para conhecer quatro ilhas. Mas a exuberância da natureza, a simpatia das pessoas e a cultura musical me encantaram de tal forma que acabei estendendo minha estada para seis ilhas em 20 dias. Foram justamente os encontros com os calorosos anfitriões dessa África insular, quase sempre embalados por boa música, que me fizeram voltar apaixonado e já com saudades – ou com “sodade”, como se diz na língua crioula local, que Cesária difundiu mundo afora.

A SÃO VICENTE DE CESÁRIA

Nascida em 1941 em Mindelo, capital da Ilha de São Vicente, onde viria a falecer aos 70 anos, em 2011, Cesária Évora me recebe viva por toda parte de Cabo Verde. A começar pelo pouso no aeroporto internacional que leva seu nome – depois de um voo de quatro horas a partir de Lisboa, Portugal. A estátua da chamada “diva dos pés descalços” (ela subia assim aos palcos) parece dar as boas-vindas a quem desembarca. A paisagem exterior logo impacta, com montanhas à beira-mar que fazem lembrar o Rio de Janeiro e ladeiam baías, praias, marinas e o porto, o maior do país. Vibrante com seus mercados, galerias de arte e o autointitulado como o segundo melhor Carnaval do mundo (atrás apenas da festa brasileira), Mindelo é o maior polo cultural do país. O culto à mais notória cabo-verdiana está em murais de rua, em dois simplórios museus nas casas onde morou, no cemitério e nos bares e restaurantes – alguns receberam shows da cantora. Inúmeros artistas seguem seus passos e tocam ao vivo todas as noites.

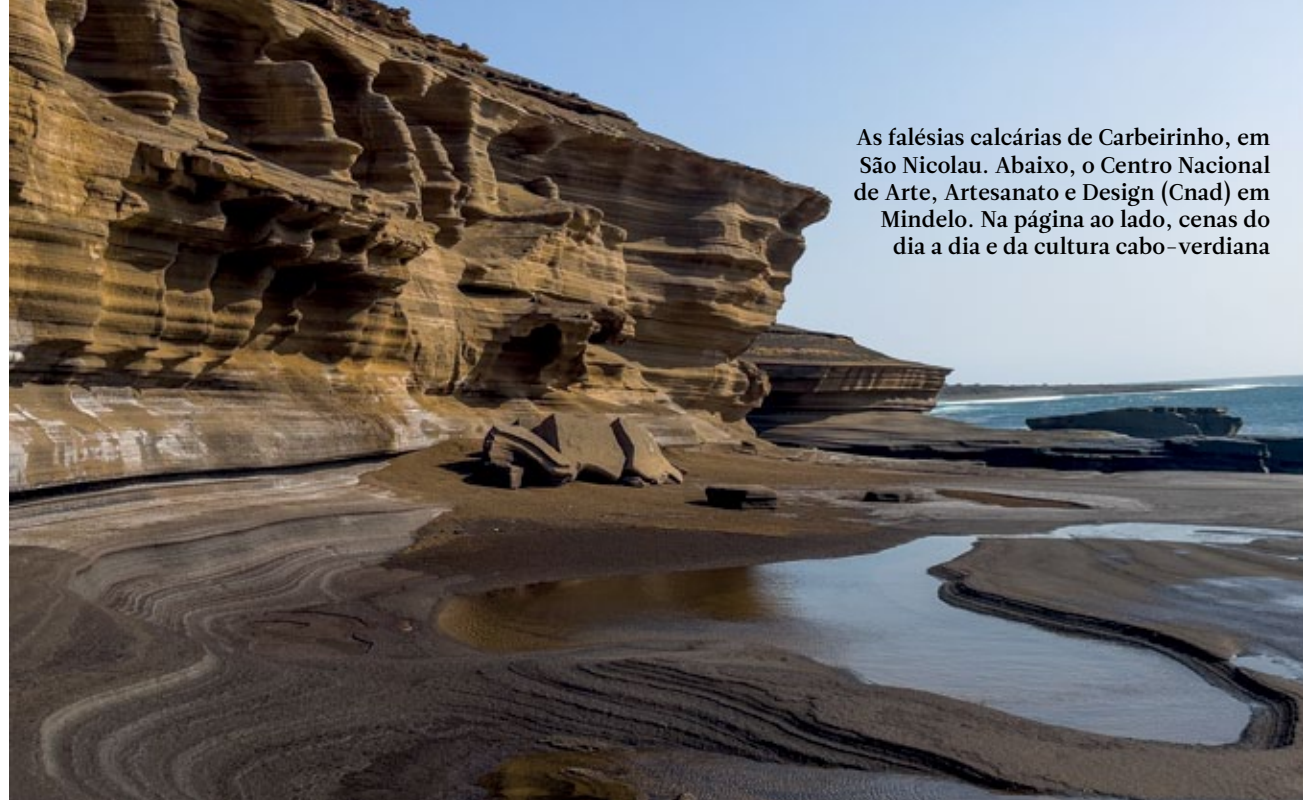
“Cesária está presente até nas notas de 2 mil escudos cabo-verdianos”, lembra Isabel Spencer, proprietária do charmoso Kira’s Boutique Hotel. Seus 11 quartos levam o nome do país e de suas dez ilhas: no norte, na chamada área do Barlavento, estão São Vicente, a inabitada Santa Luzia, as vizinhas Santo Antão e São Nicolau, montanhosas e consideradas como o paraíso do *trekking*. À direita ficam Sal e Boavista, as mais famosas, com resorts à beira-mar e bom vento para o kitesurfe, que recebem 80% dos turistas do país. E no sul, na região conhecida como Sotavento, ficam as ilhas de Brava, Maio, Fogo e Santiago.

EM SANTIAGO COM A GUIA CANTORA

É em Santiago, a ilha que abriga a capital nacional, Praia, e metade dos 600 mil habitantes do país, que entendo melhor a história de Cabo Verde. “O arquipélago era desabitado até que os portugueses chegaram e instalaram aqui o primeiro grande entreposto do tráfico de pessoas escravizadas da África rumo às Américas”, conta a guia Nilza Aline Barros, da Novatour, enquanto passeamos pela Cidade Velha, fundada em 1462. As casas históricas que recontam esse passado duro, entre a praia com barcos de pesca, um pelourinho e o morro que abriga o Forte Real



Acima, a vila de Fontainhas, em Santo Antão. Na página ao lado, o Forte Real de São Filipe, em Santiago, e o Pico do Fogo, na Ilha do Fogo



As falésias calcárias de Carbeirinho, em São Nicolau. Abaixo, o Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design (Cnad) em Mindelo. Na página ao lado, cenas do dia a dia e da cultura cabo-verdiana



de São Filipe, viraram um Patrimônio Mundial da UNESCO por preservar parte da primeira cidade colonial europeia construída nos trópicos e da primeira sociedade crioula de todo o Atlântico.

“A mistura cultural entre europeus e africanos que se deu aqui viria a se repetir no Brasil, o que justifica várias de nossas afinidades culturais”, acredita Nilza. Fã de novelas, da nossa música e do nosso futebol, Nilza se arrisca a cantar (e bem!) enquanto guia os viajantes. De fato, dizer que sou brasileiro abre portas e corações no país. Eu me sinto absolutamente em casa ao visitar a escola de futebol Bola pra Frente, o berço de vários talentos cabo-verdianos da seleção, que #pela primeira vez classificou o país para disputar a Copa do Mundo, este ano. Percebemos semelhanças entre a nossa feijoada e a cachupa, o delicioso prato nacional, também feito com feijão e carne de porco, entre outros ingredientes, que provamos na Kaza Antú, da chef Antunina Morenu. No jantar, durante a apresentação das Batucadeiras no restaurante Quintal da Música, fomos contagiados pela vibração dessa espécie de samba de roda feminino, que usa a percussão do corpo e de pequenas almofadas. Em outras noites, os destaques também são ritmos que só existem em Cabo Verde, como morna, coladeira e funaná.

ESCALANDO O VULCÃO DA ILHA DO FOGO

O passado ainda mais remoto dessas vulcânicas ilhas atlânticas, de 200 milhões de anos, fica evidente quando visito a Ilha do Fogo. A atividade ao ar livre mais desafiadora de Cabo Verde acontece aqui: a escalada do Pico do Fogo, o ponto mais alto do país, com 2.829 m. Trata-se de um vulcão dentro de um vulcão.





A SÃO NICOLAU DA CANÇÃO

Bem menos visitada em função da dificuldade de acesso, que desde Mindelo costuma requerer um voo rápido, porém com escala na Ilha do Sal, a Ilha de São Nicolau também é considerada um éden para os caminhantes, assim como a vizinha Santo Antão. Ela possui trilhas costeiras, falésias calcárias, como a de Carbeirinho, e até o porto onde Pedro Álvares Cabral parou sua caravela antes de descobrir o Brasil, conectando mais uma vez a história de Cabo Verde com a nossa. A alma musical do arquipélago se faz presente novamente quando termino outra cênica caminhada, do Vale do Fajã à vila de Pedra Branca, onde visito a Casa

da Morna. “Esse pequeno museu homenageia o nativo Armando Zeferino Soares, autor da música *Sodade*, que menciona São Nicolau e ficou famosa graças a Cesária Évora”, explica a guia Maya Duarte, também cantora.

Ainda me emociona escrever sobre a minha despedida. De volta a Mindelo, na fila do *check-in* para pegar o voo de regresso para casa, a guia Maya Duarte chega de surpresa. Ao lado de três músicos, ela começa a cantar, em pleno saguão do aeroporto. Adivinha a música? *Sodade*. 📍

oposto pode ganhar a recompensa de pernoitar no Mamiwata Eco Village, um hotel boutique que tem bangalôs quase pendurados no abismo, com uma vista estupenda e o som de ondas do mar 24 horas. À noite, a música ao vivo, de distintos artistas locais, no restaurante, alterna canções já clássicas de Cesária Évora e sucessos internacionais contemporâneos de Dino D’Santiago e Mayra Andrade, que têm raízes familiares em Cabo Verde.

Na página ao lado, vista do Mamiwata Eco Village, em Santo Antão, e vendedora em mercado local. Acima, o entardecer na Ilha de São Vicente

As impressionantes formações rochosas de lava petrificada de erupções recentes impressionam logo que se adentra, de carro, a caldeira do vulcão principal. Em Chã das Caldeiras, a vila que resiste dentro da caldeira, visito uma casa que preserva a lava invasora da erupção de 2015 e me hospedo em um autêntico “funco” da Casa Marisa 2.0, um chalé feito com paredes de lava. É de lá que parto para a subida ao cume. A descida, saltitando nas cinzas, é divertida e recompensadora. Viajantes menos radicais podem caminhar por 4 km até o vulcão ativo Pico Pequeno e visitar a Chã, uma das vinícolas locais. As celebrações pós-aventuras ficam melhores com música ao vivo na Casa Ramiro, em Chã, ou no Tropical Club, em São Filipe, a capital da ilha, onde fica o aeroporto.

SANTO ANTÃO, UM ÉDEN PARA CAMINHANTES

Favorita dos amantes da natureza que visitam Cabo Verde, a montanhosa Ilha de Santo Antão também tem na caminhada pela cratera de um vulcão um dos seus pontos altos. Chega-se a Porto Novo, a capital, depois de uma travessia de uma hora em *ferry boat* a partir de Mindelo, em São Vicente. Dali, um *transfer* de carro conduz à boca do Cova, de onde se nota que o fosso desse vulcão inativo se transformou em um cênico mosaico de plantações de milho e feijão. A descida ao seu interior, que pode durar de duas a cinco horas pelo lindo Vale do Paúl, é das mais clássicas da ilha – e pode terminar com a visita a um alambique de grogue, a cachaça cabo-verdiana. Mais puxada, mas imperdível, é a trilha de 15 km entre Cruzinha e Ponta do Sol, sempre à beira-mar. Quem a percorre no sentido



ARTE

O eixo cultural do Danúbio

Em cidades ao longo do rio Danúbio, uma vida cultural pulsante se revela por centros de arte contemporânea pouco conhecidos, galerias independentes e museus fora do circuito tradicional da Europa Central

POR ERIK SADAQ





E

scolhi o Rio Danúbio como a minha primeira experiência em um cruzeiro fluvial imaginando encontrar paisagens e cidades históricas consagradas. O que não esperava era ser constantemente surpreendido pela sucessão de centros de arte e espaços criativos que emergiram ao longo do percurso. Assim como as vanguardas que romperam com o passado para propor novos caminhos, foi justamente o imprevisto que deu ritmo à viagem, transformando a navegação em uma jornada de descobertas, em que o inesperado se mostrou mais marcante do que aquilo que já era consagrado.

UM CINCO ESTRELAS ENTRE DUAS MARGENS

A navegação a bordo do *AmaMagna* começou nas pequenas cidades alemãs de Vilshofen e Passau, seguindo por importantes centros históricos da Áustria, como Linz e Viena, até alcançar seu destino final, Budapeste, na Hungria. Surpresas agradáveis na República Tcheca, como Cesky Krumlov, e na Eslováquia, como Bratislava, completaram meu roteiro.

Já haviam me dito que eu teria o conforto de contar com um verdadeiro hotel cinco estrelas durante a viagem, e a experiência a bordo não apenas confirmou a expectativa como a superou. A atenção cuidadosa da equipe, a gastronomia variada e a curadoria de atividades criaram uma atmosfera fluida, me permitindo desenhar um roteiro *artsy* sob medida. Aos poucos, a navegação se transformou em uma experiência contínua, alinhada a meus interesses.

Acima, vista do Oppenweiler Reichenberg Castle, em Rems, a partir do rio. Na página ao lado, estrutura externa do Lentos Kunstmuseum, em Linz, e a obra *Autoretrato com Lanterna-Chinena*, de Egon Schiele, no Leopold Museum, em Viena



ONDE A HISTÓRIA DA EUROPA CENTRAL SE REFAZ EM ARTE

A primeira surpresa da viagem aconteceu ao acordar em Linz, com o Lentos Kunstmuseum bem diante da janela da cabine. A arquitetura brutalista, refletida nas águas do Danúbio ao nascer do sol, criava uma atmosfera ao mesmo tempo rígida e translúcida, condensando camadas de história da Europa Central. Do legado austro-húngaro às tensões da Cortina de Ferro, ainda perceptíveis em territórios vizinhos, tudo parecia reorganizado sob uma linguagem contemporânea e precisa.

A coleção do Lentos reforça essa leitura histórica, em uma narrativa que parte da dissolução do universo impressionista no início do século XX e segue até as rupturas do expressionismo austríaco e da Vienna Secession, revelando um país em busca de reinvenção estética, marcado por nomes como Klimt, Schiele, Helene Funke e Oskar Kokoschka. A curadoria destaca especialmente o período entre-guerras, quando arte, propaganda, conformidade e perseguição se entrelaçaram sob regimes autoritários, deixando marcas profundas na produção de artistas das cidades ao longo do Danúbio.

Do pós-guerra à contemporaneidade, o acervo oferece um panorama de artistas ligados ao movimento CoBRA, como o neerlandês Karel Appel, e à arte conceitual, como o búlgaro-norte-americano Christo, além das experimentações da pop art e das tensões identitárias dos anos 1970. Destacam-se nomes como Warhol, Cindy Sherman, Keith Haring, Tony Cragg e os austríacos Peter Kogler e Markus Proschek, além de obras do início de carreira de Schiele.



A GEOGRAFIA EMOCIONAL DE SCHIELE

Bem ao lado de Linz, no território hoje pertencente à República Tcheca, uma das cidades medievais mais bem preservadas da Europa desempenhou um papel inesperado na formação cultural às margens do Danúbio. Lar das influentes famílias Rosenberg e Schwarzenberg, Český teve seu castelo transformado em um dos mais importantes centros de patronato artístico da Europa Central.

Eu me juntei a um dos passeios organizados pela equipe do *AmaMagna*, atraído pela história de Egon Schiele na cidade. Český ofereceu ao pintor austríaco um cenário medieval ao mesmo tempo idílico e inquieto, transformado em matéria-prima para algumas de suas visões mais intensas, antes que seu olhar expressionista se tornasse explosivo demais para a tranquilidade do lugar.



A embarcação *AmaMagna*, da Ama Waterways. Na página ao lado, em sentido horário, uma das salas do Kunsthalle Krems, fachada do mesmo centro de exposições e obra da artista Phyllida Barlow, também no Kunsthalle Krems

Entre caminhadas numa ruela medieval e outra, descobri o Egon Schiele Art Centrum, um espaço relevante para a arte moderna. Além de exposições temporárias de arte contemporânea internacional, o centro mantém uma ligação direta com Schiele e sobre como a cidade se tornou uma referência visual e emocional em sua obra.

SURPRESA CULTURAL ÀS MARGENS DO DANÚBIO

Após mais um dia de navegação, chego a Krems an der Donau e encontro outra grande descoberta. Conhecida pela produção de vinhos, Krems se revela um dos polos culturais mais interessantes da região.

Na Kunsthalle, visito uma grande retrospectiva do artista norte-americano Joe Bradley, cuja obra transita entre a gestualidade abstrata e referências ao expressionismo, em especial ao austríaco, e uma desconstrução quase irreverente da pintura contemporânea, reforçando Krems como um centro inesperado de experimentação artística.

A Kunsthalle Krems e a Landesgalerie formam a espinha dorsal da Kunstmeile Krems, um circuito que reúne diferentes museus. Projetada pelo estúdio Wehdorn Architekten, a Kunsthalle reinterpreta o antigo edifício industrial em linguagem contemporânea e escala brutalista. O contraste entre essa arquitetura e a delicadeza da paisagem histórica se impõe a cada passo, reforçando a minha sensação de descoberta de um dos centros de arte mais instigantes e menos visitados da Europa.

O cruzeiro fluvial pelo Danúbio transformou a navegação em uma jornada de descobertas, em que o inesperado se mostrou mais marcante que o consagrado



ARTE E GASTRONOMIA EM DIMENSÃO IMPERIAL

Na manhã em que o *AmaMagna* ancorou em Viena, acordei antes do grupo e segui para o Albertina Museum. A exposição *De Monet a Picasso* me atraiu não só pelo conjunto de obras impressionistas e cubistas, mas principalmente pela presença de artistas russos essenciais à consolidação da arte moderna no século XX, como Kandinsky, Malevich e Chagall.

Logo após um rápido *brunch* no agradável restaurante do Albertina, segui meu circuito habitual em Viena, até o MuseumsQuartier. Dessa vez, deixei de lado o contemporâneo Mumok para me concentrar no Leopold Museum, onde uma grande exposição dedicada ao realismo de Gustave Courbet vem atraindo a atenção.

A mostra, excepcionalmente bem curada, revisita a força disruptiva de Courbet, que desafiou os cânones acadêmicos do século XIX e abriu caminho para a modernidade. A célebre *L'Origine du Monde*, ainda hoje controversa, saiu pela segunda vez da França desde que passou a integrar o acervo do Museu d'Orsay, após ter pertencido ao psicanalista francês Jacques Lacan. A obra de Courbet continua sendo um dos marcos mais provocativos da história da arte e mobiliza debates.

Após uma taça de vinho com vista para o MuseumsQuartier, sigo ao Kunsthistorisches Museum com o objetivo de visitar os mestres do norte europeu reunidos pelos Habsburgos. A maior coleção de Bruegel do mundo, incluindo a célebre *Torre de Babel*, continua a atrair multidões. Bosch, Rembrandt, Vermeer e Rubens desenham um arco contínuo entre alegoria, barroco e realismo, que em Viena ganha uma densidade capaz de reorganizar a própria história da pintura europeia.

Já é final do dia quando decido jantar em terra pela primeira vez desde que embarquei no *AmaMagna*. Tendo mencionado meu interesse por cozinha asiática, o *conciierge* sugere o Addiert, um restaurante queridinho recém-estrelado, que combina as cozinhas sul-coreana e europeia.

Acima, os salões do Kunsthistorisches Museum, em Viena, e, ao lado, a imponente fachada do Albertina Museum. Na página ao lado, a escadaria do mesmo centro de artes, também na capital austríaca





O Danubiana Meulenstein Museum impressiona pela experiência, que mistura arquitetura, arte contemporânea, curadoria e paisagem



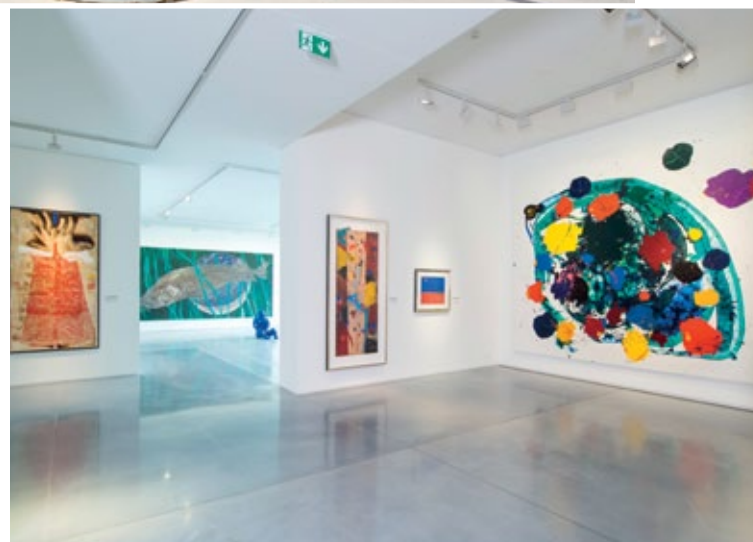
QUANDO O PRÓPRIO RIO VIRA MUSEU

Quando o *AmaMagna* deixou Viena, tive a impressão de ter alcançado o ponto máximo dessa jornada *artsy* pelo Danúbio. A chegada a Bratislava estava prevista para a manhã seguinte e, além de uma passagem pelo centro histórico, planejava visitar o Danubiana Meulensteen Art Museum, um centro de arte moderna e contemporânea instalado às margens do rio, nos arredores da capital eslovaca.

Após uma conversa com o mesmo *concierge* que me ajudara na noite anterior, acabo envolvido em uma pequena confusão com aplicativos de transporte. Durante a manhã, me imaginei chegando ao museu, às margens do rio, de barco, no melhor estilo Veneza e Roterdam. Na Eslováquia, porém, o aplicativo mais popular é o Bolt, que, dependendo do sotaque, pode soar exatamente como “boat”.

A confusão gerou boas risadas, mas nenhuma frustração. Mesmo viajando de carro, ficou claro já na entrada do Danubiana que a grande surpresa da viagem havia sido reservada para o final. O museu parece emergir da própria paisagem. Uma estrutura quase flutuante, instalada numa península artificial, exatamente onde as fronteiras de Eslováquia, Áustria e Hungria se aproximam, com o rio sendo o eixo absoluto.

O Danubiana nasceu no final dos anos 1990, fruto da parceria entre o colecionador neerlandês Gerard Meulesteen e o galerista eslovaco Vincent Polakovič, com a proposta de inserir a Eslováquia no circuito de arte moderna e contemporânea. Inaugurado em 2000, tornou-se o primeiro museu desse tipo



Acima, escultura na entrada do Danubiana e duas salas de exposições de arte contemporânea no mesmo museu, na Eslováquia



Acima, escultura do Danubiana com o Danúbio ao fundo

centro nem periferia. Ele existe nessa suspensão, como se o Danúbio, mais que cenário, fosse uma parte ativa da própria ideia do espaço.

E assim, entre a Viena imperial e Budapeste, cercado por cidades que atravessam a vida e a obra de alguns dos meus artistas preferidos, sigo por um Danúbio que não é apenas geografia, mas narrativa. Cada parada parece condensar episódios decisivos da história europeia e, no meio deles, a arte surge não como ilustração, mas como uma linguagem viva, capaz de reorganizar esse passado em tempo presente.

no país. Desde então, o acervo se expandiu, incorporando artistas eslovacos e da região e se consolidando como um ponto de encontro cultural entre os territórios atravessados pelo Danúbio.

O que mais me impressiona aqui é a recusa em ser apenas um contêiner de obras. Tudo foi pensado como uma experiência. As grandes aberturas envidraçadas voltadas para o Danúbio criam fundos panorâmicos para esculturas e instalações, enquanto a arquitetura parece prolongar o próprio rio. Um parque de esculturas faz a transição entre a arte e a paisagem de forma quase orgânica, e a curadoria se expande para além das paredes, dialogando com o vento, a água e a luz.

É justamente essa sensação de limiar que me deixa em êxtase ao pisar ali pela primeira vez. O museu não é totalmente terra nem totalmente água, nem



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPORTE

O éden do mergulho

A bordo do Aqua Blu, um dos superiates da Aqua Expedition – a luxuosa armadora italiana de embarcações boutique e intimistas –, desbravamos as águas remotas da exótica Papua Ocidental, onde a vida marinha é a mais intensa e abundante do planeta

POR CARLOS MARCONDES



Acima, vista sobre a Love Lagoon, no sul de Raja Ampat. Na página ao lado, mergulho em Sawandarek

Longínquo, pouco conhecido, quase nunca mencionado e um sonho distante para alguns. Assim é Raja Ampat, arquipélago que figura como um éden na cesta de desejos de mergulhadores que não se contentam com qualquer imersão.

Na Papua Sudoeste, Raja Ampat leva a fama de ser o “último paraíso no mundo”, um título que carrega uma constelação de predicados sedutores: suas 1,5 mil ilhas e ilhotas, que pertencem à Indonésia, estão refugiadas no coração do Triângulo de Corais – região marinha chamada de a Amazônia dos Mares, com a maior biodiversidade entre os cinco oceanos. Ali encontra-se mais de 75% de toda a vida existente em recifes na Terra.

É de Raja Ampat, especificamente em Cape Kri, o recorde mundial de avistamento de inacreditáveis 374 espécies de peixes em um único mergulho de 90 minutos. Destinos como as Maldivas e a Grande Barreira, na Austrália, não conseguem nem a metade dessa pluralidade. Muitas das ilhas, de tão isoladas, passam a impressão de continuar intactas. Isso porque há uma baixa incidência populacional e o turismo começou apenas nesse século, sem a invasão de grandes *resorts*.

LUXUOSAMENTE EMBARCADO

A viagem começa a bordo do *Aqua Blu*, considerada a mais sofisticada embarcação a atuar nessa região da Indonésia. Comissionado em 1968 pela Marinha Real Britânica, o então *HSM Beagle* era um navio militar explorador, que poucos anos atrás foi totalmente repaginado pela Aqua Expedition, transformando-se em um superiate de 60 m, com

quatro decks e apenas 15 suítes exclusivas. Há o conforto de camas *king size* em acomodações de até 31 m², decoradas com uma proposta contemporânea, em tons de marfim e latão dourado.

Éramos apenas 11 afortunados passageiros (casais e viajantes solo), tratados carinhosamente por cerca de 30 simpáticos tripulantes. A embarcação oferece serviços semelhantes aos de um hotel boutique. Nos decks superiores, há sala de massagens, com práticas balinesas, jacuzzi e um espaço de relaxamento para admirar o pôr do sol ao final da tarde.

A gastronomia, impecável e customizada às preferências de cada hóspede, leva a assinatura do *chef* australiano Benjamin Cross, que propõe mesclar influências indonésias com mediterrâneas, e sempre priorizando os ingredientes locais. “Raja Ampat encanta, pois gera em muitos hóspedes a sensação de estar explorando uma das últi-

mas fronteiras de beleza natural”, explica Gleen Wappett, gerente regional da Aqua Expedition.

Embora o *Aqua Blu* possua toda a estrutura de um *liveaboard*, a proposta do itinerário é o equilíbrio, mesclando experiências luxuosas e singulares com a exploração submersa. Em um roteiro de uma semana, por exemplo, são propostos, em média, dez mergulhos ou *snorkels*, todos de acordo com o perfil do mergulhador, com muito profissionalismo, sob a tutela do time do *divemaster* Kaz.

Na agenda há tempo para outras atividades, como remadas em caiaque nas cavernas Tomolol, a experiência zen do *snorkel* no Jellyfish Lake e a visita surreal a Love Lagoon (Karawapop, o mais espetacular lago de recife em formato de coração do planeta). Há, ainda, uma trilha para observar o raríssimo e endêmico pássaro-vermelho-do-paraíso, um gentil *rafting* e um *sunset beach club* em uma ilha isolada.



Peixes-palhaço, peixes-leão, tubarões galha-preta, anêmonas de cores intensas e as majestosas raias-mantas são algumas das espécies que compõem a rica fauna submarina

Em Raja Ampat passam correntes do Índico e do Pacífico, transformando suas águas em um aquário natural sem precedentes

AMAZÔNIA SUBMERSA

Em Raja, passam correntes do Índico e do Pacífico, com a mistura de águas profundas ricas em nutrientes e águas quentes repletas de vida tropical. É um éden de milhares de ilhas, canais estreitos, recifes rasos e paredões profundos.

Partimos para Misool, no sul, aclamada por ter os recifes mais saudáveis e coloridos da Terra. É um festival de aquarelas exuberantes de corais duros, como acropora, *tables* gigantes e *boulder*, e de moles, como *Dendronephthya* em tons inacreditáveis de rosa, roxo e vermelho. Há expressivos jardins de *sea fans* (gorgônias-leques), frágeis criaturas marinhas que crescem apenas 1 cm por ano. No site Neptune's Sea Fan, existem exemplares com séculos de idade.

Raja também é o celeiro de mergulhos macro, em que a missão é encontrar vidas minúsculas, como o mágico cavalo-marinho-pigmeu, um ser delicado, do tamanho de um grão de arroz. Nos paredões, circundam tubarões de recifes, como os galhas negro e branco, garoupas, barracudas, pargos, *jack fishes* e, claro, um dos símbolos do arquipélago: as raias-mantas-oceânicas, avistadas em Magic Mountain e Boo Windows. Admirá-las bailando no azul tropical, como fantasmas hipnotizadores, é desses privilégios inesquecíveis.

Candy Store, Andiamo, Yellet, Whale Rock e Fiabacet também são destaques do sul, onde encontram-se o incrível *walking-shark* (que anda com as nadadeiras), o endêmico *wobbegong* (tubarão-tapete), um símbolo local e mestre da camuflagem, assim como o peixe-sapo, e o pequenino polvo-de-anéis-azuis, mortalmente venenoso.





Acima, um dos cartões-postais mais famosos de Raja Ampat, as ilhas de Wayag, ao norte. Ao lado, passeio por uma caverna isolada promovido pelo *Aqua Blu*. Na página ao lado, a caverna Keramat é considerada sagrada pelos papuanos

MEGALÓPOLE SUBMERSA

Voltamos a Raja Central. É no entorno da Ilha de Waigeo que está a maior densidade de mergulhos lendários por quilômetro quadrado do mundo. A queda agora é no coração de Melissa's Garden, um "jardim de Versalhes" com uma festa cosmopolita. Há de tudo: desde nanicos agressivos, como o camarão-louva-deus-palhaço (e seu soco potente), até seres imensos e gentis, como as tartarugas-de-pente.

É dentro do Estreito de Dampier que estão outros sites cobiçados. Em Manta Sandy, há uma estação de limpeza das gigantes, com enormes chances de observá-las, assim como em Blue Magic. Lembra do recorde em Cape Kri? Talvez esteja aqui o sistema vivo mais complexo da Terra!

Sawandarek é um local que garante, já nos primeiros segundos, um encontro com imensos cardumes de peixes-morcegos e de *fusiles*, que habitam o píer de uma pitoresca vila de pouco mais de 200 habitantes. São corais, tartarugas, tubarões e moluscos-imperiais (*clams*), tudo junto e misturado, vivendo aos pés de uma comunidade que os protege.

Milhares de ilhas, cavernas, canais estreitos, recifes rasos e paredões profundos compõem a paisagem arrebatadora, para explorar em terra ou sob a superfície





Já no final da viagem, navegamos com um *zodiac* pelos canais da mítica Passagem de Wallace, onde, em 1860, o naturalista britânico Alfred Russel Wallace coletou diversos espécimes cruciais para a sua Teoria da Seleção Natural. Ele achava que os canais eram uma conexão com outro mundo, um encontro biológico entre a vida australiana e a asiática. Talvez ele estivesse certo! Com uma face sobrenatural, essa pérola da Papua Ocidental brinca com o racional e se revela surreal. Que os deuses a afastem de todo o mal! 📍

Acima, o *Aqua Blu* nas remotas águas de Raja Ampat e o *deck* pronto para o jantar no mesmo barco. Na página ao lado, impressionantes corais-mesa sob mergulhador e o encontro com o gracioso cavalo-marinho-pigmeu, de apenas 2 cm

O CARTÃO-POSTAL

Há no sul as icônicas ilhas pontudas, que parecem brotar de águas azul-turquesa, como Harfat Jaya e Yapap. Mas é no norte que se encontram as Ilhas Wayag, o destino que aparece na maioria das buscas de internet. São inevitáveis os suspiros ao admirar as formações quase interplanetárias de cima do famoso mirante.

Bem em cima da Linha do Equador, o norte é mais isolado e possui menos pontos de mergulhos, tendo Black e Eagle Rock como os dois mais buscados para quem tem nível avançado. É lá que estão as ameaças das mineadoras de níquel, hoje o principal desafio para que Raja Ampat se torne um Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Por enquanto, ela detém apenas o título de UNESCO Global Geopark.



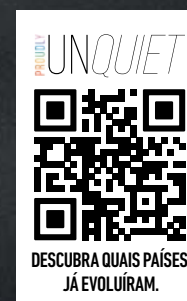
BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

EM MILHARES DE ESPÉCIES, O AMOR ENTRE O MESMO GÊNERO ACONTECE. O PRECONCEITO É EXCLUSIVAMENTE HUMANO.

Para mais de 1.500 espécies,
amar o mesmo gênero é natural.
Entre os pinguins, até 20%
dos casais são do mesmo sexo.
Enquanto isso, em mais de
60 países, o amor LGBTQIA+
ainda é crime.



Fonte: Ethology, 2010.

O fervero também é luta

Uma volta ao mundo pelas Passarelas e Paradas do Orgulho LGBTQ+

POR DUDU BERTHOLINI



As Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+ ao redor do globo são um desfile apoteótico de autenticidade, onde a MODA e o ESTILO se transformam em poderosas ferramentas de luta por direitos e respeito da comunidade *queer*.

Já que essa é uma publicação INQUIETA e VIAJANTE, vamos carimbar os nossos passaportes arco-íris em destinos onde a celebração do Orgulho LGBTQ+ não é apenas um evento no calendário, mas um ecossistema criativo e político, que transforma asfalto em passarelas, para que a diversidade e a inclusão possam desfilar *looks* incríveis, cheios de significado.

Desde o estopim de Stonewall, em 1969 – o marco inicial da luta LGBTQ+ moderna em Nova York –, as Paradas do Orgulho mapeiam a busca por direitos e celebram a nossa produção cultural como uma engrenagem criativa que move o mundo todo, incluindo a indústria da moda.

Historicamente pessoas LGBTQ+ foram fundamentais no desenvolvimento da moda como EXPRESSÃO e OFÍCIO, sendo palco para o talento e fonte de sustento para grande parte da comunidade. Os desfiles do Orgulho são um momento em que essa moda volta para as ruas como um manifesto de existência e resistência.

Acima, o desfile do orgulho na Parada de Nova York



Acima, em sentido horário, o orgulho ganha os canais de Amsterdã, discurso na Parada de Londres e as drags colorindo o Mardi Gras de Sydney

GRITOS DA MODA

É fascinante viajar por essas celebrações e observar como a moda se funde visceralmente com as urgências e estéticas de cada país. Em Amsterdã, a parada ganha as águas em barcos flutuantes, que transformam os canais em instalações visuais, onde o estilo se adapta ao meio: emerge ali uma moda *queer* náutica e utilitária, onde o design das embarcações se mistura ao visual dos participantes, unindo funcionalidade e impacto visual em meio à arquitetura histórica holandesa.

Cruzando o oceano até a Austrália, chegamos ao Mardi Gras de Sydney, um dos maiores Carnavais noturnos do planeta. No auge de *Priscilla, a Rainha do Deserto*, o visual camp das *drag queens* do filme dos anos 1990 dominou a parada, consolidando uma estética de figurinos performáticos feitos com fibras ópticas e materiais tecnológicos que brilham sob o luar, definindo a excelência da engenharia têxtil e da exuberância visual do evento até hoje.

Nossa viagem estética volta no tempo até a primeira parada de Londres, em 1972, onde um beijaço coletivo no Hyde Park entre dândis LGBTQ desconstruiu totalmente a imagem das alfaiatarias clássicas britânicas de Savile Row, já que muitos manifestantes vestiam blazers estruturados, coletes e lenços enquanto se beijavam publicamente como uma forma de dizer: “Nós somos os seus filhos, seus advogados, seus vizinhos. Nós pertencemos a esse espaço de poder que vocês tentam nos negar”.

Em Berlim, a alma industrial da cidade se manifesta no látex, no vinil e no fetiche da cena techno, transformando o asfalto em uma extensão dos clubes de luxo *underground*, com um forte viés político.

Já no Japão, a Rainbow Pride de Tóquio reflete o respeito e a ordem, tão intrínsecos à sociedade japonesa. Um dos momentos mais emocionantes foi em 2023, quando surgiram grupos de pais e mães carregando cartazes de aceitação, provando que o orgulho também é um ato de acolhimento familiar.

A Parada de Bangkok é o epicentro global da Soberania Trans, que é parte essencial da cultura tailandesa. O evento transforma as avenidas em um DESFILE DESLUMBRE, marcado por drapeados dramáticos e sedas multicoloridas, que elevam o glamour das mulheres trans ao status de realeza nacional. Aqui as sedas tradicionais funcionam como uma ferramenta de legitimação política, provando que o orgulho e a ancestralidade caminham juntos em cada *look* babadeiro.



Acima, em sentido horário, as cores e os personagens das paradas de Berlim, Bangkok e Tóquio. No detalhe, mostram sua força em San Francisco

Em San Francisco, um dos berços pioneiros da luta LGBT+, as DYKES on BIKES abrem os caminhos da parada, vestindo couros pesados e metais que imprimem poder, ressignificando o guarda-roupa lésbico globalmente.

É importante lembrar que as Paradas do Orgulho são espaços de convergência e interseccionalidade de várias lutas sociais. A parada de Johannesburgo, por exemplo, carrega o peso histórico do Apartheid. Em seus primórdios, manifestantes usavam máscaras contra o medo para proteger sua identidade, enquanto marchavam por liberdade, mostrando que a moda, por vezes, é o próprio escudo.

Já em Toronto, Canadá, uma das maiores e mais organizadas do mundo, o protesto do Black Lives Matter, em 2016, paralisou o desfile para exigir visibilidade e justiça, forçando a comunidade a repensar seus próprios privilégios e a segurança de seus corpos pretos e trans.

Para fechar a nossa volta ao mundo em grande estilo, retornamos ao Brasil para encontrar em São Paulo a maior parada do planeta, marcada por festividade e pluralidade absolutas! A Avenida Paulista vira uma passarela para que os mais diversos estilos, raças e gêneros se misturem de forma única, com aquele “borogodó à brasileira” que só a gente tem!

É um desfile democrático, que mistura tecnologias artesanais com um *streetwear queer* de impacto – provando que a moda brasileira e paulistana é um vetor de sobrevivência e também um dos maiores laboratórios de tendências populares do mundo.

Não há símbolo maior dessa pluriculturalidade do que a bandeira criada por Gilbert Baker em 1978. Mais do que um símbolo, o arco-íris é o prisma das nossas linguagens. Suas cores anunciam que jamais nos definiremos por uma única imagem. Somos pessoas tão diversas e distintas quanto a nossa extensa sigla!



Acima, a Avenida Paulista é palco da Parada de São Paulo e cena da celebração em Toronto

LUTA E MEMÓRIA

No entanto, em um mundo cada vez mais globalizado, onde a gentrificação e a pasteurização cultural ameaçam tornar tudo cada vez mais homogêneo, é vital que as paradas enalteçam os traços culturais de cada localidade. A parada, para além de ser sobre as nossas orientações sexuais e identidades de gênero, também é sobre a valorização das nossas diferenças culturais.

É sempre preciso voltar ao ponto de partida – lá, no bar Stonewall Inn, de Nova York, em 1969, quando explodiu a revolta da comunidade *queer* contra as batidas policiais violentas e constantes que ela sofria, para honrar nomes como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera (ícones dessa luta histórica por direitos que ainda está em curso) ao lado de muitas outras pessoas militantes que não devem jamais ser esquecidas.

Foram elas que provaram que nunca foi apenas sobre MODA, ENFEITES e ADORNOS, mas sim sobre usar a própria pele como um território político.

Escrever esta jornada para a UNQUIET é mais uma narrativa registrada por nossas próprias mãos, para que a comunidade LGBTQIAPN+ não seja mais marginalizada ou reduzida a um padrão estético de consumo.

Por trás de cada babado, de cada costura e de cada destino, existem a memória de quem veio antes e a resistência de quem mantém nossa comunidade cada vez mais VIVA e POTENTE.

Que as mudanças que costumamos hoje sejam perenes, porque o som cadenciado da batida dos leques que ecoa em cada avenida, de Tóquio a São Paulo, grita um antigo hino cunhado muito tempo atrás nas paradas brasileiras, e que jamais será esquecido: O FERVO TAMBÉM É LUTA! 📍



BEM-ESTAR

A ARTE DE PAUSAR O TEMPO

Referência em protocolos de wellness, longevidade e medicina preventiva, o Nescens Spa, do La Réserve Genève, é um santuário para desacelerar, cuidar da saúde e ressignificar o corpo como um templo



Acordar sem pressa, respirar, alongar o corpo ainda na cama, respirar. Isso parece uma rotina simples, mas o tempo é, cada vez mais, um luxo para poucos, em um mundo que não descansa nem *online* nem *offline*. Pensando nisso, aproveitei com júbilo a oportunidade de ter tempo para mim, principalmente levando em conta o cenário do meu *time off*: o impecável La Réserve Hotel & Spa, em Genebra, Suíça.

Escolhi a ampla varanda do meu quarto, com vista para os jardins do hotel e o Lago de Genebra, para alguns minutos de meditação antes do início de uma jornada perfeita de *wellness* absoluto no Spa Nescens.

Meu primeiro encontro, depois de um café da manhã funcional no Café Lauren, o restaurante saudável do spa, foi com o osteopata do Nescens, Ivan, um expert em fisiologia humana. Depois de uma detalhada anamnese da minha saúde, ele iniciou a sessão de osteopatia. Guiado pelas minhas queixas, rapidamente indicou os problemas e as possíveis causas de dores e desconfortos, produziu manobras – estica daqui, estala de lá – e pronto. Saí da consulta incrivelmente mais relaxada, embora os efeitos da sessão sejam prolongados e sentidos no corpo semanas e até meses depois do tratamento.

Acima, ambiente do Spa Nescens. Na página ao lado, área da piscina com jardins em frente ao Lago de Genebra, do La Réserve Hotel & Spa

RESET DE CORPO E MENTE

As impressionantes instalações do Spa Nescens no La Réserve recebem hóspedes e não-hóspedes para protocolos diversos, que podem ter objetivos esportivos (como a preparação ou a recuperação antes ou depois de temporadas de esqui), de rejuvenescimento, emagrecimento, saúde e longevidade, entre outros. Referência mundial em medicina preventiva, a Nescens Clinic é responsável por todos os protocolos aplicados no spa. Há sempre funcionárias disponíveis para guiar os hóspedes pelo enorme espaço, que abriga ainda uma piscina coberta, saunas, *hamman*, academia e salas para atendimentos e práticas esportivas.



Acima, piscina interna no Spa Nescens e prática de ioga no deck externo



Depois de devidamente trajada com um roupão adquirido no vestiário do spa – todos os usuários do espaço circulam por lá assim, o dia inteiro, passando de sala em sala para os devidos tratamentos –, fui conduzida a uma sala climatizada e perfumada pelo aroma *signature* do hotel para dar início ao meu protocolo, que duraria três dias.

A tarde seguiu com uma sessão de infraterapia, cujo objetivo é utilizar o calor da luz infravermelha para penetrar nos tecidos, acelerando o metabolismo, queimando calorias e melhorando a circulação. A cada etapa, as gentis terapeutas explicam o processo e seus benefícios. A sessão seguiu como um bálsamo, progredindo para uma inesquecível massagem corporal e, finalmente, para uma sessão de pulsoterapia, que estimula o sistema venolinfático e promove a recuperação dos tecidos.

Escolhi jantar no elegante e badalado Le Loti – o principal restaurante do La Réserve (que conta ainda com o estrelado chinês Le Tsé Fung), um *point* da cidade e exaltado pelo menu eclético e elegante, baseado em ingredientes frescos, provenientes prioritariamente de produtores locais. Se não quiser a badalação do salão, com música e agito, o terraço oferece uma atmosfera mais calma e a inigualável vista para o Mont Blanc.

A manhã seguinte começou com um programa corporal *better-aging* do meu protocolo, o Wellness



& Skin Care. A deliciosa jornada se inicia com a *balnéothérapie*, uma imersão em banheira supertecnológica, seguida de uma sessão de esfoliação corporal e uma massagem com foco na recuperação celular. Todas as terapias são feitas com produtos Nescens: cremes, óleos, *balms* e demais produtos de alta performance e resultados impressionantes logo após os tratamentos.

Para os hóspedes que optarem por um programa integral (ele pode durar de um a seis dias), o Café Lauren é uma ótima pedida entre os tratamentos. Tem um maravilhoso bar de sucos e um menu de pratos funcionais e levíssimos, com opções *low-carb*, todos deliciosos e com uma apresentação impecável.

Meu último dia no spa culminou com uma manhã voltada para os tratamentos faciais. O processo dura duas horas e conta com limpeza facial, ativação celu-



lar feita com aparelhos supertecnológicos na área de *wellness* e saúde, lasers e uma massagem facial, que, uau de novo!, foi um presente para a pele e para a alma.

Renovada, relaxada e feliz, percebi que, mais do que tempo, ganhei consciência de como usá-lo em meu benefício, obtendo a percepção corporal e o equilíbrio. E, claro, a sensação de uns aninhos a menos... 📍

lareserve-geneve.com

Acima, sessão de tratamento facial para *better-aging* do protocolo Wellness & Skincare e refeição funcional no Café Lauren



ENSAIO

Entre raízes e Caminhos

Bruno Jungman e a fotografia como encontro







Movido pela curiosidade e por um olhar atento às pessoas, Bruno Jungmann encontrou na fotografia documental um caminho de pertencimento e expressão. “Eu sou um cabra muito curioso. Preciso de novos assuntos o tempo inteiro. Estou sempre investigando temas, comunidades, culturas”, diz ele, que se interessou pela fotografia de forma despretensiosa, ao folhear livros e visitar museus ao lado do pai. Anos depois, já adulto, foi nas viagens e nas trilhas pela Chapada dos Veadeiros que a fotografia começou a ganhar espaço em sua vida. O que era esporádico se transformou em decisão: em 2022, deixou a carreira anterior para se dedicar integralmente à nova profissão. A virada definitiva aconteceu ao fotografar a Missa do Vaqueiro, no sertão pernambucano. “Ali

percebi que havia me encontrado”, lembra.

Desde então, Bruno mergulhou em temas que traduzem sua essência, como as manifestações populares, os povos tradicionais e as afrobrasilidades. Fascinado pela riqueza cultural do Brasil – especialmente em Pernambuco e Maranhão –, ele também busca conexões fora do país, como no Senegal. “Eu acredito que é muito importante estudar os territórios que visito, compreender melhor o sincretismo religioso de nossas manifestações, além dos contextos sociais no qual eu estou me inserindo, fotografando, vivendo. Na fotografia documental, o fator tempo é diferente, pois as coisas em geral são mais lentas e sempre mais profundas. Para construir uma narrativa sólida, consistente e respeitosa, é necessário mais cuidado e conhecimento”, explica. 📍

GASTRONOMIA

A cozinha viva do norte da Espanha

Entre o Atlântico e as montanhas, Cantábria e Astúrias compartilham uma cozinha que nasce da paisagem e da memória

POR ERIK SADAO



Antes mesmo de a estrada começar a serpentejar entre montanhas verdes e vilarejos medievais, Santander revela uma das faces mais interessantes do norte da Espanha. Primeira parada da minha jornada gastronômica pela Cantábria, a cidade combina elegância costeira, mercado tradicional, butiques e uma cena cultural marcada pelo Centro Botín, fixando-se assim como um polo de arte e modernidade.

Frequentemente ofuscada pela potência culinária da basca San Sebastián, Santander me surpreende pela forma como a sua gastronomia parece dialogar com o mar, a paisagem e a memória. Entre falésias e a passagem pelo Palacio de la Magdalena, um antigo refúgio de verão da família real espanhola, o diálogo entre a natureza e a história culmina na La Casona del Judío, instalada em um casarão do século XIX, onde o *chef* alquimista Sergio Bastard pilota uma das cozinhas mais instigantes da região.

Minha visita começa em um *chef's table* comandado pelo próprio Sergio, dividido em dois momentos. As entradas são preparadas por ele, em um ambiente aconchegante, enquanto os vinhos são harmonizados por um simpático *sommelier*, que arrisca referências da MPB. Entre Caetano e Liniker, a seleção de vinhos percorre desde pequenas produções locais até rótulos consagrados de Rioja, como Marqués de Riscal, CVNE e



Acima, vista sobre a Ilha de Santander e salão de restaurante típico em Potes. Na página ao lado, prato à base de frutos do mar da região



Em Santander, a gastronomia parece dialogar com o mar, a paisagem e a memória do norte espanhol

Acima, preparo e pratos do premiado La Casona del Judío, em Santander

López de Heredia, criando uma ponte entre o repertório contemporâneo da mesa e a tradição clássica da vinicultura do norte espanhol.

A transição para a taverna marca a entrada nos pratos principais, em um momento mais informal, mas sem perder o rigor culinário. Sergio trabalha com uma postura despretensiosa, diante das estrelas e do reconhecimento crítico, com foco constante nos produtos locais, com algas do litoral cantábrico, peixes, mariscos e vegetais interpretados de forma contemporânea. O orgulho aparece de forma contida, refletido mais nos pratos do que nas palavras, numa relação de amor com o mar e a terra.

Nas entradas, surgem ostras com leituras vegetais e intensificação marinha por algas, ouriços-do-mar em preparações quase cruas e peixes frescos tratados com precisão. Já na taverna, o percurso



se torna mais terroso, com codorna em versões delicadas, manteigas infundadas com algas e sobremesas que recorrem a flores, frutos silvestres e ervas, fechando a experiência com uma assinatura aromática profundamente ligada à Cantábria.

VILAREJOS, LENDAS E COZINHA TRADICIONAL

A ideia que eu tinha sobre a gastronomia espanhola começa a se desfazer à medida que avanço rumo a pueblos do século XVII, como Limpias, de apenas 2,5 mil habitantes. Cruzando vales e cidades costeiras da Cantábria, descubro tradições profundamente enraizadas, como as conserveiras artesanais de anchova, um ofício que atravessa gerações e sustenta parte essencial da identidade regional.

Caminhando por Limpias, encontro a oportunidade perfeita de experimentar o *sobao pasiego*, um bolo amanteigado dos Valles Pasiegos, servido com leite fresco ou, para os levemente intolerantes a lactose, como eu, café. Feito com manteiga da região, ovos, açúcar e farinha, com textura densa e úmida, é um dos símbolos da confeitaria regional e fortemente ligado à tradição pastoril e à produção artesanal de manteiga.



Acima, o vilarejo de Tazones, na região de Astúrias, e o bolo *sobao pasiego*, típico da Cantábria



ONDE A FERMENTAÇÃO TRADUZ O TERRITÓRIO

Seguindo por uma das estradas mais serpenteantes e espetaculares que já percorri, entre pequenos pastos, onde se contam facilmente as vacas espalhadas, encontro uma pequena queijaria artesanal, instalada numa antiga casa em ruínas de mais de 150 anos, nas colinas de San Roque de Riomiera.

A La Llendería foi fundada por um engenheiro chamado Aitor Lobato e por Sarah Hart, uma professora norte-americana. O projeto é uma das mais fiéis representações da mesa cantábrica: simples, completamente sustentável e profundamente encantador.

O casal trocou a cidade pela serra e a pressa pela paciência dos processos de fermentação que transformam o leite em queijos premiados. O nome Llendería vem de um verbo local que significa “fermentar”. Mais do que uma queijaria, Sarah e Aitor criaram uma fermentaria, onde quase tudo o que nasce na região ganha uma nova vida. As acelgas nas mãos de Sarah se transformam em um dos melhores *kimchis* que já provei, enquanto o *kombucha* de maçãs da região, fermentado com ervas que crescem entre pedras e musgos da colina, fica gravado na memória como a síntese desse lugar difícil de traduzir.

Na Llendería, nascem peças vivas. Em tempos de produção acelerada e padronização global, encontrar um espaço onde o queijo ainda é tratado como um organismo vivo, sujeito ao clima, às bactérias lo-



Acima, o casal Sarah Hart e Aitor Lobato, fundadores do La Llendería, produtora de queijos, compotas e embutidos artesanais. Na página ao lado, degustação de queijos e embutidos da mesma queijaria



cais, ao leite de cada estação, parece quase um gesto de resistência cultural. Cada peça carrega uma leitura muito direta do território, marcada pelo leite cru, pelo tempo e pela intervenção mínima, resultando em peças que refletem tanto o pasto quanto as pessoas que mantêm viva essa paisagem na Cantábria.

A degustação acontece em uma mesa compartilhada, na parte superior da construção de madeira. Na mesa são servidos presuntos e chouriços de produtores locais, mantendo vivos o círculo da economia da vizinhança e o espírito solidário dos pequenos fazendeiros.

Os vegetais acompanham o mesmo rigor. Sarah se senta à mesa comigo e me explica a procedência dos tomates e acelgas utilizados em suas fermentações. Tudo parece carregado de um sabor direto, sem excesso, como se os vales fossem traduzidos de forma comestível em cada prato compartilhado por nós.

Deixei o litoral da Cantábria em direção aos Picos de Europa, uma das cadeias montanhosas mais impressionantes da Península Ibérica, o símbolo máximo do norte da Espanha. Uma parada em Comillas revelou o modernismo espanhol imortalizado no El Capricho de Gaudí, uma intervenção rara do artista fora da Catalunha.



cultivadas nas montanhas. Cada uma delas altera o equilíbrio entre acidez, frescor e doçura, garantindo que nenhuma sidra, ou garrafa, seja igual a outra. Meu guia, David, é um especialista e garante que a bebida não é filtrada e fermenta lentamente em tonéis de castanheiro ou carvalho, preservando algo selvagem no sabor.

A maneira de servir transforma completamente a experiência. David domina o ritual da *espicha*, com a garrafa erguida acima da cabeça, o copo abaixo e o líquido despencando em um fio preciso, aerando a sidra e liberando seus aromas. Sou instruído a beber rapidamente e a compartilhar o mesmo copo com os companheiros de mesa.

Após goles divididos, o último resquício, como manda a tradição local, vai diretamente para o chão. Aquilo que vem da terra à terra retorna, com um gesto simples, quase instintivo, que encerra o ritual com a mesma naturalidade com que a garrafa foi aberta. Brindo o fim da viagem gastronômica com a sensação de que o verdadeiro luxo do norte da Espanha é a permanência. Observo o Sol desaparecer atrás dos picos, enquanto o eco dos copos de sidra se mistura ao som do rio. Poucos lugares nesse país me fizeram sentir tão claramente que o tempo também pode fermentar. 📍

O SABOR DA ALTITUDE

Na viagem até Potes, outro dos vilarejos símbolo da Cantábria, cruzo o monumental Desfiladeiro de la Hermida. A mudança da paisagem é abrupta. O Atlântico de repente desapareceu, enquanto paredes de pedra e montanha tomam conta do horizonte.

É em Potes que a cozinha de montanha revela uma de suas expressões mais tradicionais. Servido em recipientes fumegantes, que parecem feitos para aquecer o frio dos vales, o *cocido lebaniego* é a estrela, com uma abundância quase ritualística de carnes, grão-de-bico, batatas e um delicioso chouriço. Não havia provado em nenhuma outra parte da Espanha embutidos suínos tão frescos como os daqui. O caldo, espesso e rico em sabor, traduz séculos de subsistência rural e resume a relação da região com um inverno de altitude severo.

ONDE A SIDRA E O TEMPO FERMENTAM JUNTOS

Cruzei a fronteira até as Astúrias para descobrir a melhor surpresa da viagem. Encravado no coração dos Picos de Europa, Bulnes parece mais uma lembrança preservada entre montanhas do que propriamente um lugar. Esse minúsculo vi-

larejo de pedra, envolto por neblina, rios e trilhas íngremes, permaneceu isolado durante séculos e, até pouco tempo atrás, só podia ser alcançado a pé. O funicular que me levou até lá foi inaugurado em 2001 e não alterou a sensação de uma Espanha suspensa no tempo, onde a geografia ainda dita o ritmo da vida e a distância continua sendo uma forma de permanência.

Em um *trekking* curto, até um mirante para avistar o Picu Urriellu, mais conhecido como Naranjo de Bulnes, a formação rochosa que se tornou o símbolo absoluto dos Picos de Europa, me surpreendo ao saber que apenas 17 moradores residem na vila. Mais surpreso ainda fico ao descobrir que ela conta com sete bares, cada um com sua varanda, suas histórias e, o mais curioso, sua própria produção de sidra.

Em Bulnes, beber não é apenas um hábito social, mas uma forma de pertencimento, e a bebida funciona como uma linguagem comum entre os poucos moradores e os montanhistas e viajantes.

As sidras asturianas revelam uma complexidade que definitivamente não esperava encontrar. Vivas, turvas e engarrafadas de maneira rústica, são produzidas a partir de dezenas de variedades de maçã

Acima, degustação de sidras locais. Na página ao lado, o típico *cocido lebaniego*



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

AVENTURA

CAMINHOS ANCESTRAIS

A imersão nos pontos mais remotos do Peru, passando por cânions, gêiseres, encostas e lagos andinos e vivenciando o remanescente da sabedoria das civilizações inca e pré-inca, se revela uma lição de cultura, natureza e espiritualidade

POR CORINNA SAGESSER FOTOS VICTOR COLLOR





Acima, ambiente e um dos quartos do Cirqa, em Arequipa, um Relais & Châteaux abrigado em um antigo monastério. Na página ao lado, prato servido no premiado La Mar Cevicheria, em Lima, e visita ao Mosteiro de Santa Catalina, de 1579, em Arequipa

“

Nas terras onde o condor voa alto e o vento sussurra canções milenares, começamos a nossa viagem pelo Peru, que é um convite à aventura e um chamado para a alma. Um destino para explorar os caminhos menos percorridos e descobrir os segredos das montanhas, dos vales e dos povos que guardam a essência de uma cultura ancestral.”

Eu já havia estado no Peru algumas vezes, mas agora a viagem foi muito especial e surpreendente. Nosso roteiro foi muito além das rotas turísticas, o que me colocou diante de um Peru autêntico, onde a cultura ancestral e a natureza se entrelaçam de forma única. Tive a sensação de descobrir um novo capítulo de um livro conhecido, mas com um mergulho profundo na ancestralidade dos Andes.

LIMA E AREQUIPA: PALADAR E HISTÓRIA

Chegamos a Lima, a capital da gastronomia da América Latina, e nos hospedamos no Atemporal by Andean Collection, um charmoso hotel boutique premiado com uma chave *Michelin*. Ele ocupa uma casa típica da década de 1940 no bairro de Miraflores e nos recebeu com elegância e atenção aos detalhes.

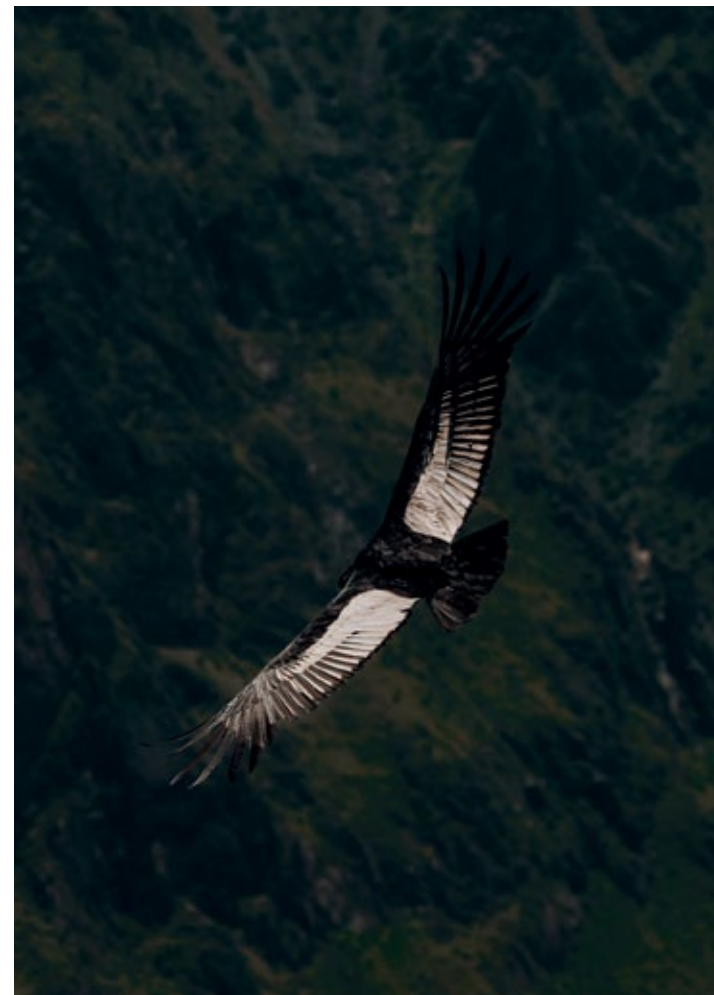
Durante a tarde na cidade, fomos ao La Mar Cevicheria, sob a direção do premiadíssimo chef Gaston Acurio, criador do conceito do restaurante mais famoso do Peru. Na casa, o chef Anthony Vasquez nos acolheu com um verdadeiro banquete, marcado pela variedade de peixes e frutos do mar, com destaque para os ceviches (o prato típico local) acompanhados de Pisco Sour (um clássico coquetel peruano). Inesquecível.

Após a curta estada, seguimos para Arequipa, “a cidade branca”, que leva essa alcunha por ter sido construída com pedras das erupções do Vulcão Misti, cuja silhueta imponente é visível de todos os pontos da cidade. Nosso hotel, o Cirqa, um Relais & Châteaux abrigado em um monastério de 1540, ficava bem localizado, no centro antigo, a poucos passos da Plaza de las Armas e da majestosa Catedral de Santa Maria, do início do século XVII. Por ali, ainda visitamos o San Camillo, um vibrante mercado, repleto de cores, aromas e sabores de frutas, legumes e raízes.

Terminamos o dia conhecendo o Mosteiro de Santa Catalina, um complexo religioso de freiras dominicanas, fundado em 1579 e tombado como um Patrimônio Mundial da UNESCO. O lugar serviu como um refúgio para as mulheres da elite espanhola, que viviam em clausura e dedicavam sua vida a orações, contemplação e serviços voluntários. Uma viagem pelo tempo e pela história, entre a igreja, os corredores, os pátios, as casas, os jardins internos e as memórias de tantas vidas devotadas.



Paisagem de beleza incrível do altiplano andino, na travessia até o Vale del Colca



OS SEGREDOS DAS MONTANHAS

No dia seguinte, logo cedo, saímos rumo ao nosso destino, o Vale del Colca. Nessa travessia, fomos agraciados pela presença imponente da Cordilheira dos Andes, que nos acompanhou com seus picos nevados e paisagens de tirar o fôlego. À medida que avançávamos pelo altiplano, começamos a avistar as primeiras lhamas, alpacas e guanacos, habitantes majestosos dessas alturas, que nos fitavam curiosos enquanto pastavam tranquilamente.

Após algumas horas de estrada, chegamos ao Vale del Colca, onde nos hospedamos numa das charmosas tendas do Puqio Lodge, imersos na natureza e na cultura local. Da nossa tenda era possível avistar os terraços agrícolas, uma herança da maravilhosa engenharia inca. Construídos há séculos, esses *andenes* (como são chamados em espanhol) são uma rede de plataformas escalonadas que aproveitavam a encosta das montanhas para criar áreas de cultivo. Ali plantavam-se batatas, favas, milho e cevada, uma tradição que segue até os dias de hoje e demonstra a surpreendente efetividade das sabedorias incas.

Depois de uma noite de sono profundo, acor-

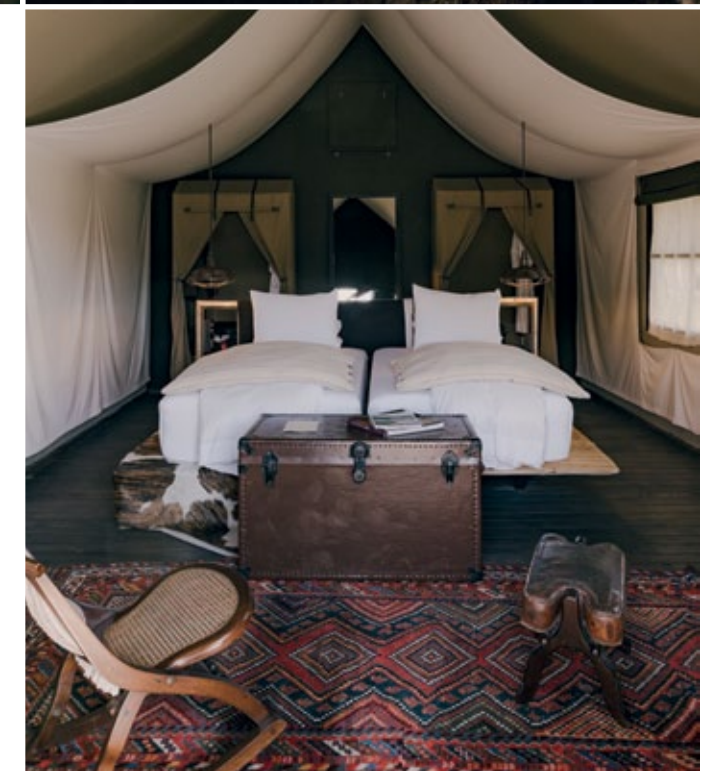
damos cedo para mais um dia de aventuras e descobertas. Tomado o café da manhã especial, com frutas locais, pães caseiros e outras delícias, seguimos para o cânion do Vale del Colca. Fizemos um *trekking* ao longo dele, o quarto mais profundo do mundo, com 4 mil metros de profundidade e mais de 90 km de extensão. O lugar é formado por uma fenda na Cordilheira dos Andes e oferece paisagens únicas e uma rica biodiversidade. Foi ali que avistamos os condores-dos-andes, a maior ave voadora do mundo, que chega a ter 3 m de envergadura. Sagrado na cultura inca, o pássaro representa a força e o mundo celestiais. Assistir os condores planando majestosamente sobre o vale foi um momento mágico, um presente da natureza, que nos aproximou dos valores dos povos ancestrais.

O próximo desafio foi a subida ao Gêiser de Pinchollo, que fica dentro da Cratera Lipayoc, um espetáculo natural formado pela interação de águas subterrâneas aquecidas pela atividade geotérmica e a crosta terrestre, criando erupções de água quente a 100 °C.

Ao final da tarde, fizemos uma caminhada pelos

terraços, até o complexo arqueológico de Uyo Uyo, uma cidade pré-inca de 1350, habitada pelos Collagua, um povo indígena com uma sociedade complexa, conhecida por sua habilidade na agricultura e arquitetura.

Um momento mágico e inesperado aconteceu no dia seguinte, durante o *trekking* de subida até a Fortaleza de Chimpa, um sítio arqueológico do século XI, também tombado pela UNESCO e outro exemplo impressionante da engenharia e arquitetura pré-inca. Na chegada ao topo da montanha, encontramos um grupo de pessoas da comunidade celebrando o Dia de Pachamama, a divindade que representa a natureza e a fertilidade. Nesse dia são feitos rituais e oferendas à Mãe Terra, agradecendo pelas colheitas e pedindo a proteção para o futuro. As famílias preparam oferendas, como alimentos, folhas de coca, *chicha de jora* e tabaco. Foi lindo vivenciar como nos receberam. Éramos os únicos viajantes, tendo a honra inesperada de participar da celebração, envolvidos por uma calorosa hospitalidade: comida e bebida compartilhadas com generosidade, acompanhadas de sorrisos e canções, criando um laço de amor e respeito com a



Acima, em sentido horário, o voo de um condor-dos-andes sobre o vale, o Complexo Arqueológico de Uyo Uyo e interior de uma das charmosas tendas do Puqio Lodge



Mãe Terra. Um momento único de conexão com a comunidade e sua cultura, que permanecerá conosco para sempre.

Um *altomisayoq* (o xamã andino) liderava a cerimônia, realizando orações e pedindo bênçãos para todos. Em um momento muito emocionante, ele me abençoou com sua energia e sabedoria, e eu desci a montanha profundamente tocada pela experiência. Foi um momento de conexão com a espiritualidade andina. Nos despedimos do Vale del Colca plenos, seguindo para a região de Tinajani, mais uma vez ladeados de paisagens intocadas e pequenas fazendas criadoras de ovelhas e lhamas.

A ARTE DA NATUREZA

O Cânion de Tinajani é um complexo geológico natural situado a 3.953 m acima do nível do mar, na região de Puno, um cenário natural impressionante, feito de rochas de arenito erodidas pelo vento e pela água há milhares de anos. Uma obra-prima da natureza tão grandiosa e monumental que nos deixou em êxtase. É um lugar que inspira admiração e respeito pelas belezas naturais.

Ficamos hospedados no mais novo hotel da rede Andean, o Tinajani Lodge, uma antiga fazenda de ove-



Acima, Corinna ao lado de uma centenária Puya de Raimundi, que chegam a 12 m de altura, e uma floresta da mesma espécie na região de Tinajani. Na página ao lado, celebração do Dia de Pachamama, em emocionante encontro com locais na Fortaleza de Chimpa, e vista externa e ambiente do Tinajani Lodge

lhas, onde o silêncio só era interrompido pelo canto dos pássaros, como o íbis, e seu som melódico e suave, que ecoava pela paisagem, criando a sensação absoluta de serenidade e paz interna. Como durante toda a viagem, nos deliciamos com a gastronomia local.

A primeira manhã na região foi desafiadora: nos preparamos para um *trekking* de 4,2 mil metros de altitude, saindo do *lodge* e caminhando pelo cânion por um labirinto de pedras, onde o vento e o tempo esculpam maravilhas naturais. Esse foi um momento especial, uma experiência que vou guardar com carinho para o resto da vida.

Mais uma surpresa estava por vir: um piquenique na floresta das Puyas de Raimundi. As gigantes *puyas* chegam até 12 m de altura, vivem 100 anos e são endêmicas à região, o que cria um cenário lindo e acolhedor. Foi um almoço perfeito para relaxar e nos conectar com a natureza. Como inquietos viajantes, logo após o almoço continuamos nossa jornada. Ao final do dia, visitamos as ruínas de Pucara, um tesouro arqueológico pré-inca (1100 a.C.-100 d.C.), com estruturas de pedra que contam a história de uma civilização antiga. A arquitetura em forma de pirâmides e os artefatos encontrados revelam a habilidade e a criatividade dos povos que ali habitaram e se desenvolveram.



O LAGO DA VIDA

Depois desses dias imersos na natureza e na história do altiplano, partimos para Sillustani, localizado à margem do Lago Umayo, perto de Puno, um sítio arqueológico da cultura Kolla (1200-1532).

Lá foram construídas as *chullpas*, estruturas funerárias de pedra em forma de torre, onde os líderes e nobres da comunidade eram enterrados com seus pertences. Dali seguimos para o último destino, o Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo, com 8.372 km², entre o Peru e a Bolívia. Fomos recebidos com conforto no Titilaka Lodge, que conta com vistas incríveis.

O Titicaca é um verdadeiro tesouro natural e cultural da América do Sul. Suas águas azuis e cristalinas refletem as montanhas ao redor, criando um cenário impressionante. Também é um lugar sagrado para os povos andinos, com suas ilhas flutuantes.

Para conhecer bem a região, saímos cedo em um barco exclusivo do hotel, rumo à nossa primeira parada, uma visita à Ilha dos Uros, este povo indígena que vive no lago desde o século X. Ele também é conhecido por suas ilhas e casas flutuantes, feitas de camadas de *titora*, uma planta aquática em que são amarradas cordas, formando assim uma superfície sólida. Donos de uma rica cultura e tradição, os uros têm histórias e lendas sobre o lago. Uma delas

Um tesouro natural da América do Sul, o Titicaca é um lugar sagrado para os povos andinos que habitam suas ilhas

Acima, o Lago Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo, entre o Peru e a Bolívia. Na página ao lado, em sentido horário, as Chullpas de Sillustani, estruturas funerárias da cultura Kolla, em Puno, as tradições têxteis dos moradores da Ilha de Taquile, um homem taquile no usando o tradicional *chulo* (gorro de lã colorido) e mãe e filha vestem *chapangas*, vestidos coloridos que celebram a beleza, na mesma ilha





A impressionante estrutura dos canais de irrigação de Waru Waru, que datam de 300 a.C., na região do Titicaca



Na despedida dessa viagem mais que especial, fomos conhecer os canais de Waru Waru, que começaram a ser construídos em 300 a.C. Eles são um exemplo da engenharia agrícola tradicional e da adaptação humana às planícies aluviais do Lago Titicaca. Essas plantações consistiam em campos elevados para o cultivo de batata, quinoa e *cañihua*, por exemplo, rodeados por canais de irrigação. A água coletada vinha da chuva, rios e lagos e ajudava a controlar a temperatura e a umidade do solo. Uma solução utilizada até os dias de hoje, em que a inteligência ancestral e a beleza natural ainda se encontram em perfeita harmonia.

Após dias inesquecíveis, nos despedimos do Peru, que ensinou que a verdadeira riqueza está no respeito pela natureza e na preservação das tradições ancestrais. Um legado que nos inspira a cuidar do planeta e a valorizar as histórias que nos unem. 📍

- @_andean
- @marketingcollection
- @cirqa_andean
- @titilaka_andean
- @puqio_andean
- @tinajani_andean
- @atemporal_andean

Acima, morador de uma das ilhas retira a *tatora* do lago, vegetação usada para a construção de ilhas e casas flutuantes. Na página ao lado, exemplo de construção feita com *tatora* e vista do lago a partir do Titilaka Lodge

conta que a Ilha do Sol, localizada no lago e considerada um lugar sagrado, foi onde o deus Inti (o Sol) nasceu, dotando o lugar de grande poder e energia.

De lá, navegamos até a Ilha de Taquile, onde nos encontramos com alguns moradores, que nos receberam com muito carinho e sorrisos no rosto. Pudemos ver como os taquilenos são hábeis nas tradições têxteis, com desenhos inspirados na natureza e na cultura aimara. Todos os homens usam o *chulo* (gorros de lã coloridos), que indicam o estado civil de cada um. Já as mulheres usam as *chapangas*, vestidos coloridos que simbolizam a beleza e a feminilidade. A comunidade, formada por 2 mil pessoas, vive basicamente da pesca, da agricultura em terraços e do turismo.

O oceanógrafo Jacques Cousteau esteve no Lago Titicaca com seu barco *Calypso*, em 1968, onde encontrou e relatou várias espécies de animais, plantas e ruínas submersas da civilização Tiwanaku, de mais de mil anos. Essa expedição deu origem ao documentário *A Lenda do Titicaca*. Cousteau descreveu a viagem como um momento histórico e emocionante na vida dele.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

AVENTURA EXTREMA

Geórgia do Sul

O santuário sub-antártico

Em uma expedição até o extremo sul do planeta, os desafios do mar, a fascinante e diversa fauna e os claros e alarmantes sinais da degradação da natureza pelo aquecimento global

POR AUGUSTO GOMES





Chego à Ilha Geórgia do Sul após três dias de navegação turbulenta pelos mares bravios do Estreito de Drake, o temido portal de acesso à Antártica e às ilhas vizinhas. Aliás, a mais turbulenta que já vivenciei: ondas de 9 a 11 m chacoalhavam nosso navio, de 108 m de comprimento, como se fosse um barquinho de papel. Mas o *Hondius*, um belo quebra-gelo da Oceanwide Expeditions, tornou a experiência da navegação pelo mar mais temido do mundo bem mais agradável. Dotado de estabilizadores, supermoderno e muito confortável, ele ameniza o efeito das ondulações, enquanto os passageiros podem desfrutar de deliciosas refeições no restaurante, com janelas panorâmicas, apreciar a vista nos decks ou descansar no amplo e aconchegante *lounge*, também rodeado de janelas panorâmicas.

O navio conta ainda com espaço de leitura, biblioteca, auditório, cafeteria, bar e diversas outras instalações, que deixam as navegações nos extremos do planeta muito mais interessantes. Existem vários tipos de cabine disponíveis, desde as mais luxuosas até os modelos mais econômicos, e a empresa tem a política de *open bridge*: a ponte de comando permanece aberta à visita dos passageiros!

Os guias e líderes de expedição são geralmente biólogos especializados nas regiões polares, que oferecem *workshops* e palestras riquíssimas sobre a fauna e a flora locais e a ecologia polar. As explorações pela costa são feitas em botes preparados, em pequenos grupos, e é possível ainda andar de caiaque, fazer *trekking* e mesmo mergulhar sob os icebergs (liberado para os mergulhadores certificados). A atividade de cada dia fica à escolha do passageiro e, claro, sujeita às condições climáticas.

Acima, o bote da Oceanwide Expeditions leva passageiros para explorar a região. Na página ao lado, icebergs despontam em meio à densa neblina da Geórgia do Sul

GELO, CÉU E MAR

Pelo caminho até a Ilha Geórgia do Sul, fomos acompanhados por albatrozes e petréis de diversas espécies, além de muitas outras aves marinhas e baleias. Ainda pudemos nos aproximar de um gigantesco pedaço de gelo – um fragmento do A23a, um iceberg colossal, o maior do mundo, diga-se de passagem, com duas vezes a área do município de São Paulo, que se desprendeu da Antártica em 1986 e agora vaga pelos mares do Atlântico.

Ao nos aproximarmos da remota ilha, distante cerca de 2 mil quilômetros de Ushuaia, fomos recebidos por pinguins-reais e lobos-marinhos, que saltavam elegantemente ao lado do navio. A silhueta dela chama a atenção logo de cara: picos escarpados e cobertos de neve alcançam quase 3 mil metros, equiparando-se aos maiores do Brasil, e despontam em meio a glaciares e a um mar de águas límpidas e azuladas. Frequentemente, a ilha é envolta por uma densa neblina, que traz um ar de mistério, sem falar nas nevascas frequentes, que mudam completamente a paisagem da noite para o dia.

Nossa primeira parada foi em Fortuna Bay, onde visitamos uma das maiores colônias de pinguins-reais do mundo. A espécie, *Aptenodytes patagonicus*, distribuída por águas subantárticas, sofreu um forte declínio populacional no início do século XX devido à perseguição pela indústria baleeira para a extração de óleo e ao consumo de sua carne e ovos pelos colonizadores. Felizmente, com o encerramento das atividades baleeiras e a proteção das ilhas subantárticas, as populações de pinguins vêm se recuperando, chegando hoje a cerca de 450 mil pares reprodutivos na Geórgia do Sul.

Igualmente afetados pela indústria da caça foram os lobos-marinhos antárticos (*Arctocephalus gazella*), que chegaram à beira da extinção na virada do século XIX para o XX.

Aos poucos, a população se recuperou até os saudáveis níveis atuais, estimados em cerca de 3,5 milhões de indivíduos na ilha – 95% da população global da espécie. Contudo, as mudanças climáticas, o emaranhamento em redes de pesca, a perda de habitat e a competição por recursos alimentares



Em recuperação, a fauna da ilha é repleta de diferentes espécies de pinguins, leões-marinhos, lobos-marinhos e aves

com humanos, por meio da pesca industrial, ainda são ameaças para ambas as espécies e para toda a cadeia alimentar na Antártica.

Os vestígios da caça ainda podem ser vistos em Grytviken, uma estação baleeira abandonada, que hoje sedia um pequeno museu e uma base de pesquisa. As estruturas outrora utilizadas na extração e no processamento do óleo de baleia hoje servem como um refúgio para a fauna local e trazem um ar meio fantasmagórico a esse pequeno assentamento, de passado sangrento e obscuro.

A aproximação dessas colônias gigantescas de lobos-marinhos e pinguins, em um lugar tão deslumbrante e selvagem, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida. As cores, os sons e os cheiros peculiares ficarão na minha memória para sempre.

JORNADAS ÉPICAS

Em Grytviken também pode ser visitado o túmulo do famoso explorador polar irlandês Ernest Shackleton, que em 1915 teve seu navio, o *Endurance*, aprisionado e esmagado pelo gelo no Mar de Wedell. A tripulação iniciou, então, uma longa jornada de 1,3 mil quilômetros e 22 meses, através do gelo e de mares tempestuosos, a bordo de pequenos botes salva-vidas, até alcançar a Ilha Elephant, mais ao norte, onde parte da equipe permaneceu, esperando o resgate, e parte seguiu viagem, rumo à Geórgia do Sul. Eles sobreviveram basicamente comendo carne de foca, pinguins e de seus próprios cães.

Shackleton conseguiu a ajuda de baleeiros nos arredores de Grytviken e retornou à Ilha Elephant para buscar os demais. Todos os 28 tripulantes so-



Acima, pinguins-reais em Fortuna Bay e destroços de antigos navios baleeiros na mesma ilha. Na página ao lado, em sentido horário, o voo do petrel-do-sul, colônia de pinguins-macaroni em Cooper Bay e um gigantesco elefante-marinho



ALERTAS DA NATUREZA

Em nosso último giro pela ilha, navegamos pela impressionante paisagem do Fiorde Drygalski, também no extremo sul, onde pudemos observar em primeira mão os efeitos nefastos das mudanças climáticas no nosso planeta: a morte gradual de uma geleira, que deixa marcas visíveis pelos paredões rochosos, à medida que se retrai para o fundo do vale. Um lembrete vivo da vulnerabilidade desse lugar tão especial e cheio de vida aos impactos humanos.

Deixamos a Geórgia do Sul guiados por uma luz dourada, que vez ou outra penetrava pelos fiordes e pela densa neblina que nos rodeava, trazendo uma atmosfera quase etérea para um lugar já tão mágico. Nos despedimos em grande estilo desse longínquo pedaço de terra, envolto por gelo, neve e mares bravios, pulsante de vida selvagem e, ao mesmo tempo, tão delicado e frágil. Mais seis dias de navegação nos esperavam até o destino seguinte: Gough Island, ou Ilha de Gonçalo Álvares, no meio do Oceano Atlântico. 📍

Acima, umas das cabines do navio de expedições. Na página ao lado, o moderno Hondius, da Oceanwide Expeditions em um dos fiordes da Geórgia do Sul

breviveram a essa jornada épica, que é conhecida até hoje como uma das maiores façanhas da história da humanidade. Na ocasião da nossa visita ao túmulo de Shackleton, brindamos o exímio líder e explorador polar com uma taça de uísque, como manda a tradição naval. Foi em Grytviken também que o velejador brasileiro Amyr Klink iniciou sua longa jornada de circunavegação polar, em 1998, a bordo de seu icônico e inconfundível veleiro de casco vermelho, o *Paratii*.

Seguimos viagem para Cooper Bay, no extremo sul da ilha, devido a condições meteorológicas que nos impediram de chegar a outros pontos mais ao norte. Ali, fomos surpreendidos pelos fantásticos pinguins-macaroni (*Eudyptes chrysolophus*), com seu corpo atarracado, caminhar desajeitado e longas sobranceiras amarelas. Para mim, eles lembram pequenos senhorzinhos mal-humorados, tramando um plano para dominar o planeta.

Vimos também os simpáticos pinguins-de-barbicha (*Pygoscelis antarcticus*), os pinguins-gentoo (*Pygoscelis papua*), o biguá-da-geórgia-do-sul (*Leucocarbo georgianus*), as temidas focas-leopardo (*Hydrurga leptonyx*) – ávidas predadoras das águas antárticas – e, claro, os gigantescos elefantes-marinhos-do-sul (*Mirounga leonina*). Em terra, os machos dessa espécie podem entrar em violentos embates por territórios e fêmeas. Tivemos a oportunidade de nos aproximar de um deles, e o tamanho impressionou a todos: eles chegam a quase 6 m de comprimento e 4 toneladas!



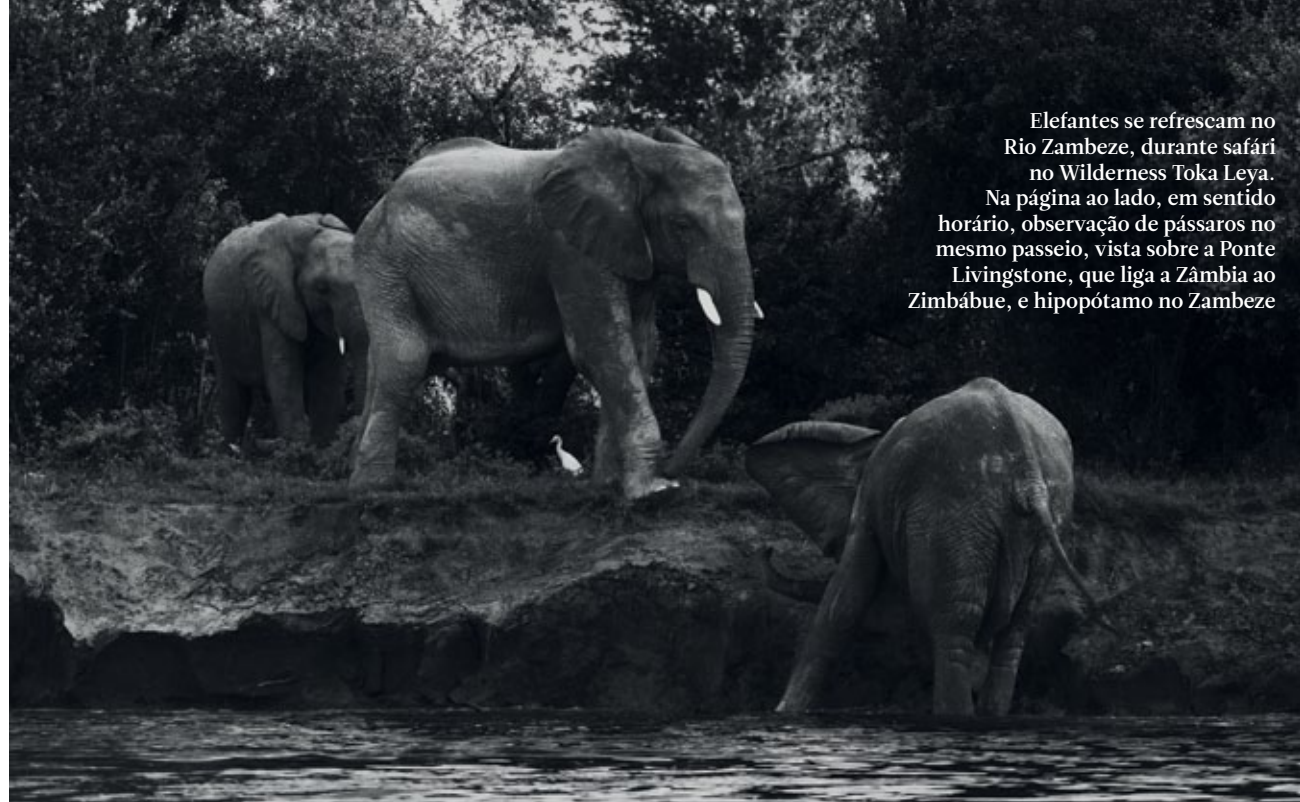


NATUREZA

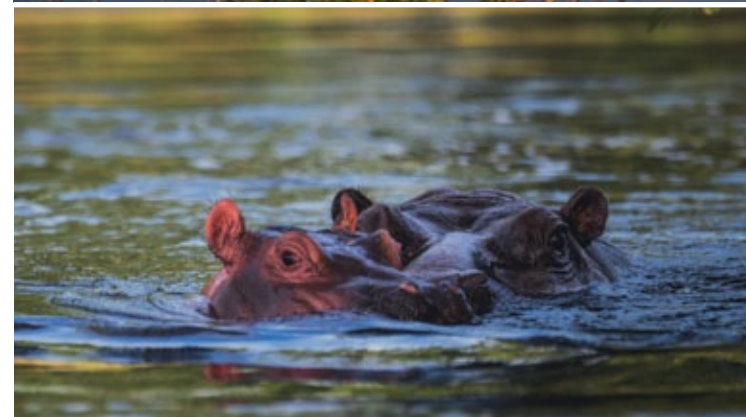
SEM FRONTEIRAS

Diante do furor das águas de Victoria Falls, a natureza ganha novas proporções, e as experiências de safári e de contato com a vida selvagem, novos significados, na Zâmbia

POR BRUNO MASSI FOTOS VICTOR COLLOR



Elefantes se refrescam no Rio Zambeze, durante safári no Wilderness Toka Leya. Na página ao lado, em sentido horário, observação de pássaros no mesmo passeio, vista sobre a Ponte Livingstone, que liga a Zâmbia ao Zimbábue, e hipopótamo no Zambeze



Da janela do avião, o Rio Zambeze corre largo e sinuoso, abrindo caminho pela savana africana como uma linha desenhada sobre a terra. De um lado, a Zâmbia. Do outro, o Zimbábue. Lá de cima, a divisão é clara. O rio avança, indiferente ao que os mapas chamam de fronteira.

No horizonte, uma mancha branca se ergue. Primeiro discreta, quase uma nuvem. Depois densa, até se destacar contra o céu azul. À medida que nos aproximamos, sua origem fica evidente – mas é preciso algum tempo para compreender o que os olhos veem. Não é o céu que desce. É a terra que respira, para cima. O rio, que até então parecia contínuo, se lança dentro de uma fenda, formando uma extensa cortina de água. O impacto contra a pedra devolve parte desse volume ao ar, criando a névoa constante que lhe deu o nome local: *Mosi-oa-tunya*, “a fumaça que troveja”. Já o nome ocidental se deve ao missionário escocês que a “descobriu” em 1855. Chamou-a de Victoria Falls.

Ali embaixo, em margens opostas, dois países observam a mesma queda e, ainda assim, discutem de qual lado ela é mais bonita. Ao despencar e criar um dos espetáculos mais impressionantes do planeta, o rio que divide dois países divide também opiniões, em uma rixa histórica.

O RITMO DA NATUREZA

Se lá de cima o rio corta, fragmenta, de perto a sensação é outra. O pequeno barco cruza as águas do Zambeze sob o sol dourado da savana. Curiosos e

ao mesmo tempo indiferentes, hipopótamos emergem em grupos silenciosos para vigiar a nossa passagem. Seus dorsos servem de plataforma flutuante para abelharucos, que buscam descanso e refúgio contra predadores terrestres. Essas aves, por sua vez, alimentam-se dos frutos das *wild berries* e espalham suas sementes pela terra. As árvores que nascem nas bordas do leito firmam o solo das margens com suas raízes, sustentando o terreno sobre o qual um elefante avança com segurança.

Pelas ruas de Livingstone, a sensação se repete com um contraste diferente. Mulheres caminham equilibrando trouxas sobre a cabeça. As cores vibrantes de suas saias, contrastam com o preto e o branco de zebras, que em qualquer dia comum pastam pelos canteiros centrais. A poucos metros, o trânsito para atravessar a Victoria Falls Bridge ganha vida com a insolência dos babuínos, que escalam automóveis e furtam o lanche de turistas desatentos. “Aqui, facilmente se vê um elefante atravessando a estrada”, diz Jeff, nosso motorista. Na capital turística da Zâmbia, os mundos selvagem e humano não se opõem. Eles coexistem, cada um à sua maneira.

QUEDA E ASCENSÃO

O som vem antes da imagem. Pela trilha tropical, o estrondo contínuo do Zambeze despencando é escutado não com o ouvido, mas com o peito, como se a Terra rugisse. Então vem a água. Uma cortina avassaladora de 1,7 km de extensão, que desaparece entre a névoa, fenda abaixo. A força que cai empurra a água para cima, espalhando pelo ar uma chuva desgovernada, que desenha um arco-íris sem começo e sem fim.

Viver a fumaça que troveja de Victoria Falls é algo difícil de explicar. Ao caminhar por suas bordas, a água não apenas cai. Ela envolve, molha. Invasão. Desorientado e rindo sem saber o porquê, somos atravessados por uma experiência sensorial tão arrebatadora que coloca em perspectiva a escala humana frente à grandiosidade da natureza. Um batismo de dimensões continentais, unindo o visitante ao coração do Zambeze.

Não muito mais acima, a 500 m de altura para ser mais preciso, a experiência é outra, porém igualmente emocionante. A bordo de um ultraleve pendular (uma mistura de moto com asa-delta), compreende-se não só a magnitude da ferida que o Zambeze rasga na Terra. Sobrevoar o rio transforma um esporte radical em um safári aéreo, em que a vida selvagem pode ser admirada em sua forma mais plena.

Girafas, rinocerontes, crocodilos e zebras compartilham o mesmo habitat, fazendo do Zambeze um santuário onde o reino animal e as forças da natureza convivem.

MARGEM DE SEGURANÇA

“Não desça do carro, não saia do quarto à noite, não coloque as mãos no rio.” Ao visitar o mundo selvagem, as instruções variam, mas são sempre os mesmos mantras de sobrevivência. Em fila indiana, silenciosamente, seguimos os passos de Hendricks, um jovem *ranger* que protege o Parque Nacional de Mosi-oa-tunya da caça predatória, em um safári a pé.

Ele levanta a mão. Paramos. O mato se move. Aguardamos imóveis, até que o que estava escondido se revela: um corpo maciço equipado com dois

chifres. Toneladas de couro e músculos de uma força pré-histórica a curtos 20 m de distância. Seguido de outro. E mais outro. Seis rinocerontes atravessam os olhos e nós ali, tão longe de casa. A adrenalina inunda o sangue e a mente projeta todos os cenários de risco em milésimos de segundos. Eles ouvem bem, farejam melhor ainda. Entre nós e uma notícia desagradável para nossos familiares, há apenas Hendricks, o homem que conhecemos três minutos atrás. Essa é a margem de segurança. *Into the wild*, de verdade.

Porém, se a mente quer recuo, o corpo quer a experiência. Entre temer e confiar, existe uma batalha silenciosa e estar ali não é só um ato de coragem. É uma decisão de entrega. É aí que tudo muda. Não porque o medo deixa de existir, mas porque a forma de estar diante dele se transforma. Sob a condução de quem pertence àquele território, abre-se o espaço de viver o mundo selvagem e o humano mais de perto. Um dos rinocerontes nos percebe e lentamente avança em nossa direção. Ao comando de Hendricks, nos retiramos com a calma de quem reconhece seu lugar, levando na pele a memória de ter caminhado entre seis gigantes da savana.

LINHAS IMAGINÁRIAS

Filhotes de macacos vervet brincam como crianças. Mães elefantes protegem suas crias entre as pernas. Impalas machos disputam domínio. Contemplar a vida selvagem pode ser impactante à medida que identificamos no mundo animal os nossos próprios instintos. Mas há outro encontro revelador que também transforma: o humano.



*Trekking com
rinocerontes no
Parque nacional
de Mosi-oa-Tunya
próximo ao lodge*

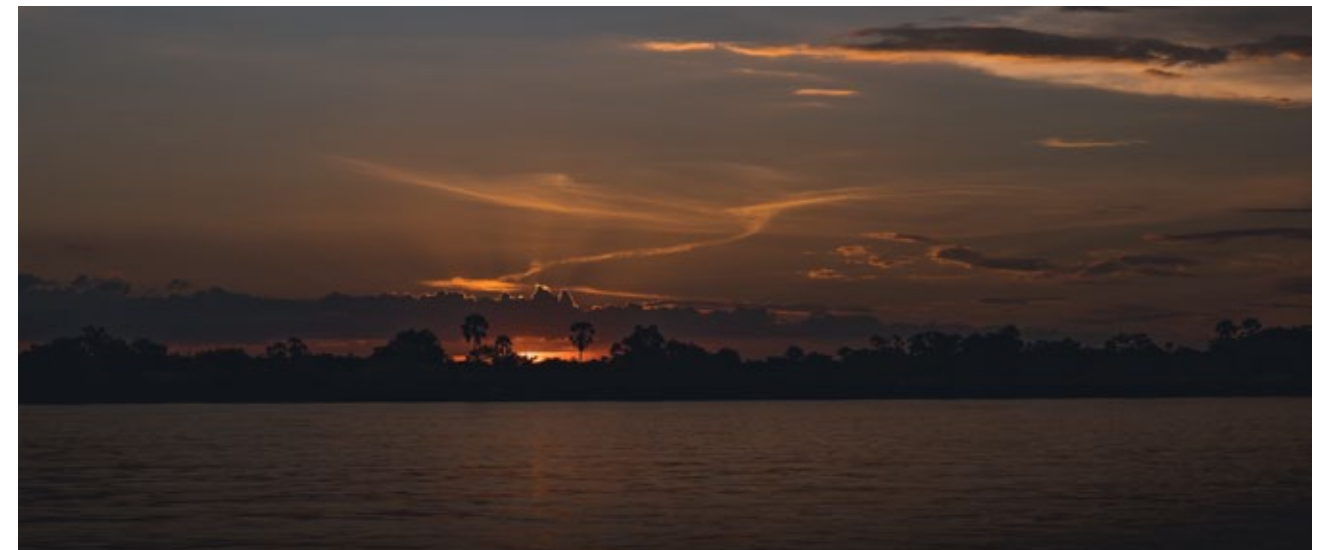


Acima, em sentido horário, moradores locais, voo de ultraleve sobre Victoria Falls e rangers guiam safári a pé pela reserva

No Wilderness Toka Leya, ele acontece na forma como se é recebido. Não como quem hospeda, mas como quem acolhe. Está nas conversas ao redor do fogo, no ritmo dos tambores, na dança dos corpos e, se você se permitir (recomendo fortemente), nos abraços. Muitos abraços.

É na hospitalidade sem esforço e nos sorrisos soltos que reconhecemos algo difícil de ignorar: um oceano não separa culturas irmãs. O Brasil é feito de África. Impossível esquecer a doçura de Kazy, a alegria contagiante de Tawanda e a serenidade de Goldie ao expressar, em shona, sua filosofia de vida: *nyakanyaka*, o “viver sem estresse”.

Levo comigo essa sensação no carro rumo ao Zimbábue, onde as cataratas também caem, em outra fronteira. Na travessia, uma última demonstração do reino animal. Esta, no entanto, exclusivamente humana: a burocracia da imigração. Fila, carimbos, raio-x. Primeiro de um lado, depois do outro. Enquanto isso, do lado de fora o Zambeze segue indiferente, sem jamais impedir que algo atravesse de uma margem a outra. Afinal, qual país detém o lado mais bonito das cataratas? Não importa. Não há lados. Há apenas linhas que aprendemos a ver. E no fim há apenas o rio.



SAXON HOTEL, VILLAS AND SPA

Johanesburgo, África do Sul

Não importa de onde se chega. Após cruzar continentes a bordo da South African Airways, há um refúgio no coração arborizado de Joanesburgo para quem busca o repouso sem abrir mão da elegância da jornada. Construída no início dos anos 1990 pelo empresário sul-africano Douw Stein, essa antiga residência privada ganhou notoriedade internacional ao hospedar Nelson Mandela durante a escrita de sua autobio-

grafia, antes de ser convertida em um hotel boutique ultraexclusivo. Seus 40 mil metros quadrados contam com um jardim impecável de árvores nativas, onde esculturas contemporâneas podem ser apreciadas do restaurante. De preferência, com um drinque em mãos. Relíquias e obras de arte africana preenchem os amplos saguões, enquanto 53 generosas suítes garantem aos hóspedes privacidade e descanso. 📍

Acima, pôr-do-sol sobre o Zambeze



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

NINGUÉM QUER SER TURISTA

Viajar de verdade exige pequenas revoluções internas a cada novo destino

POR SHOICHI IWASHITA ILUSTRAÇÃO KAEV VITORELO

Os Grand Tours, que jovens aristocratas europeus faziam entre os séculos XVII e XIX, aos desbravadores de lugares inóspitos cujos diários foram publicados, as viagens sempre foram um marcador de classe e uma poderosa moeda social. Mas, se antes eram um privilégio de poucos, o avanço da tecnologia e a democratização dos deslocamentos – levados à potência máxima graças à dinâmica competitiva das redes sociais – elevaram as viagens ao patamar da hiper-mobilidade, glamorizada como nunca.

Cresci acreditando que viajar era importante para a minha formação. Que viajar era aprender. A maturidade também me fez perceber algo mais íntimo: um complexo de inferioridade, que me levou a buscar, na leitura e nas viagens, o repertório para conquistar algum respeito e admiração. Numa época em que discussões sobre a diversidade inexistiam, a Bahia não era um fetiche, a comida japonesa causava estranhamento e ser gay e filho de mãe nordestina e pai japonês estava longe de ser um conjunto de credenciais valorizado em São Paulo. A cultura, em grande parte por meio das viagens, acabou sendo um caminho de redenção.

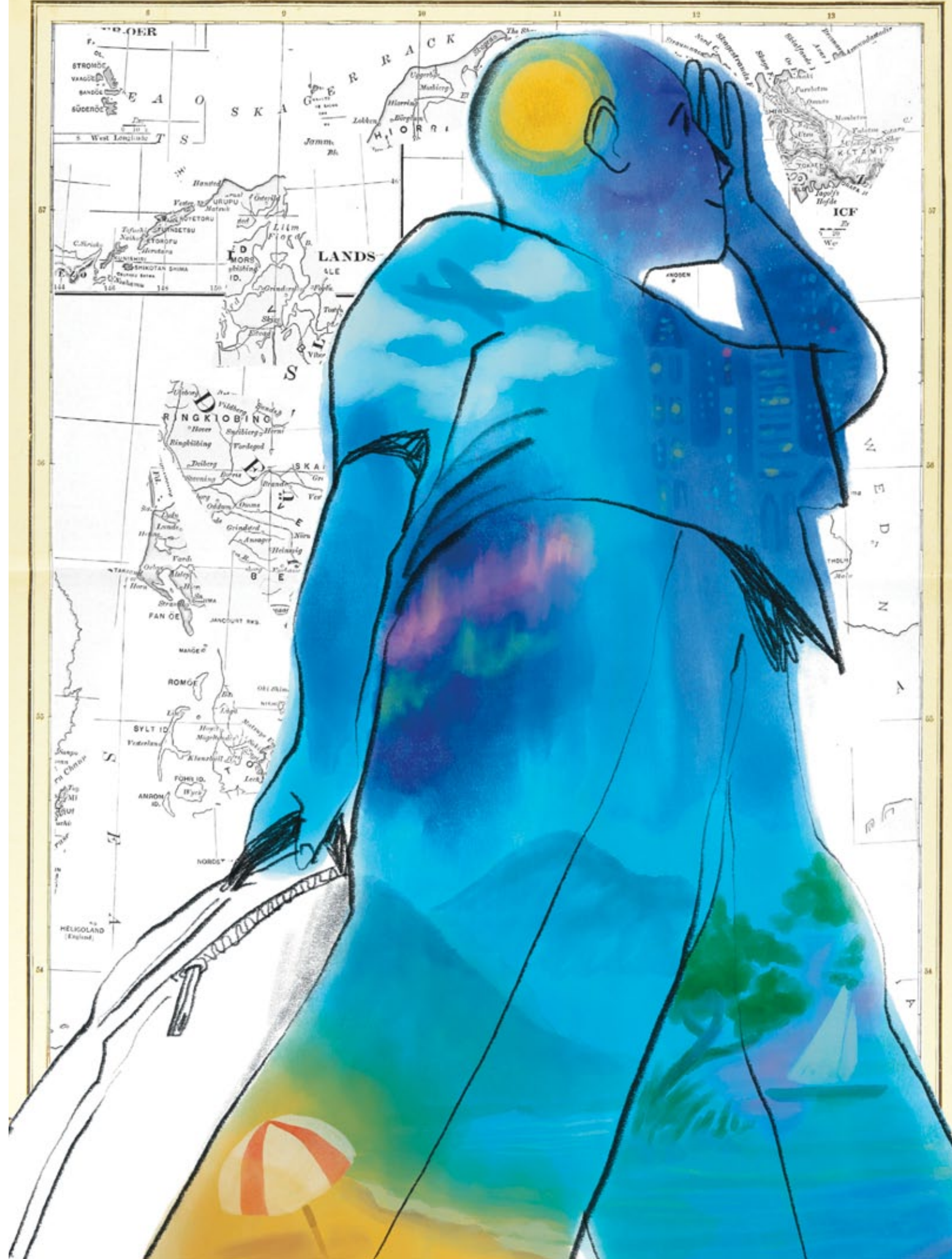
Tendo vivido em uma época em que não havia filas nos aeroportos e eu viajava de Concorde para Nova York durante meus anos de faculdade em Londres, hoje me intriga o entusiasmo automático com que se fala de viagens, como se elas carregassem uma aura quase moral de virtude e profundidade. Todos “amam viajar”, mas ninguém quer ser turista (turistas são sempre os outros). As experiências – cada vez mais comerciais e previsíveis – se acumulam como os itens ticados de uma lista de compras: a *bucket list*, uma expressão que sempre me soou como uma redução empobrecedora da vivência humana.

G. K. Chesterton sugeriu que viajar pode, paradoxalmente, “estretar a mente”. Ralph W. Emerson via nas viagens uma ilusão, a tentativa de escapar de si mesmo, mas que invariavelmente fracassa. Montaigne escreveu seus *Ensaio*s – tão belos quanto universais – sem quase nunca ter deixado seu castelo, em Bordeaux, França. E, no *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa profetiza: “Ah, que viajem aqueles que não existem... Viajar é para quem não sabe sentir”.

Conheço viajantes incansáveis – pessoas que atravessam continentes e têm acesso às experiências mais incríveis de cada lugar – e que, ainda assim, parecem impermeáveis ao mundo. Autocentrados, amam culturas distantes desde que elas permaneçam à distância de seu círculo social. São capazes de visitar comunidades remotas do outro lado do planeta, mas não atravessariam a própria cidade para conhecer realidades que os confrontem de verdade.

As viagens me fizeram não conseguir ter convicções rígidas sobre qualquer assunto. Tem também a questão das muitas vulnerabilidades. Como a de estar preso em uma estrutura de metal pressurizada a 10 mil metros de altura ou em um país cujo idioma não domino, com um sistema de leis alienígenas ao meu modo de viver. Tem ainda as geradas pelo nosso próprio corpo, como a doença que decide se manifestar quando se está longe de casa. Por fim, tem os desconfortos: as cada vez mais complexas regras das companhias aéreas e os fusos, que desorganizam o tempo e a mente, quando não reconhece a cama do hotel nas primeiras noites.

Ainda assim, sigo apreciando o retorno humano e cultural, a ponto de ter transformado as viagens em trabalho. Seja nos textos, seja na curadoria de experiências para clientes, é gratificante compartilhar uma visão de mundo mais crítica, convidando a um olhar mais consciente sobre o próprio ato de viajar. 📍



Inspiradores



DOROTHY STANG (1931-2005)

A religiosa Dorothy Stang descobriu no Brasil o propósito de sua vida. Nascida nos Estados Unidos, ela chegou ao país na década de 1960 e encontrou na região amazônica, especialmente no interior do Pará, o cenário onde desenvolveria sua missão, tornando-se uma defensora ativa dos trabalhadores rurais e da preservação ambiental. Foi ali que sua trajetória se entrelaçou de forma definitiva com a defesa da floresta e dos direitos humanos.

Na Amazônia, Dorothy trabalhou arduamente para promover um modelo de desenvolvimento sustentável, baseado na convivência equilibrada entre o ser humano e a natureza. No dia a dia, atuava junto a pequenos agricultores, incentivando práticas de agricultura familiar e a criação de projetos de assentamento sustentável, que garantiam renda sem destruir a floresta. Ao mesmo tempo, inconformada com a realidade que ela confrontava todos os dias, ousou denunciar o avanço do desmatamento ilegal e da grilagem de terras, enfrentando interesses poderosos ligados à exploração predatória.

Sua atuação firme a colocou em constante risco. Ainda assim, Dorothy permaneceu ao lado das comunidades, organizando trabalhadores e defendendo seus direitos, sempre guiada pela ideia de que a floresta em pé era essencial para o futuro da Amazônia e das gerações seguintes.

Em 2005, a religiosa foi assassinada por pistoleiros, em um crime que ganhou repercussão internacional e expôs a violência no campo brasileiro. Sua morte não interrompeu sua causa: transformou-a em um símbolo da luta pela justiça social e pela preservação ambiental. Seu legado permanece como um chamado à responsabilidade coletiva, lembrando que proteger a Amazônia é essencial para o futuro do planeta. 📍

ENCHA O TANQUE. E SE ABASTEÇA
COM NOVAS EXPERIÊNCIAS.

RIDE.



VISITE O SEU CONCESSIONÁRIO
HARLEY-DAVIDSON.



DESACELERE.
SEU BEM MAIOR É A VIDA.

A GOL anuncia seu novo destino: o mundo.

voegol.com.br



Voe para Nova York na nossa nova classe Business INSIGNIA, com maior conforto, enquanto degusta a mais alta gastronomia brasileira.

Business INSIGNIA



Inteligência
faz a gente voar

GOL

Linhas Aéreas Inteligentes

Agora pelo mundo.